

LIDIANNY SUSY DE QUEIROZ DIAS

NATAL DE LUTO:  
a cidade diante do suicídio do presidente Vargas

Natal  
2009

LIDIANNY SUSY DE QUEIROZ DIAS

NATAL DE LUTO:  
a cidade diante do suicídio do presidente Vargas

Monografia apresentada ao  
Departamento de História da UFRN, sob  
a orientação do professor Raimundo  
Nonato Araújo da Rocha, como requisito  
parcial para a conclusão do curso  
História bacharelado e licenciatura.

Natal  
2009

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização desse trabalho. Esperando não me esquecer de citar nenhuma delas, agradeço sinceramente:

Aos **meus pais** que, por acreditarem sempre no meu potencial, proporcionaram tantas coisas boas para a minha vida. A eles credito toda dignidade que carrego comigo. A eles agradeço o aprendizado das letras e da vida.

A **Airton**, meu amado esposo, que sempre esteve por perto, mesmo nos momentos mais difíceis. Seu carinho e paciência me acalmaram a alma nos momentos de aflição.

Aos **meus amigos** que acreditaram no meu desempenho.

A **Vanda** – a quem chamo carinhosamente de mãe – por me tratar como uma filha.

A **Karla Valéria**, que eu considero como uma irmã.

Ao meu orientador **Raimundo Nonato da Rocha**, pela a orientação e pela paciência. Seus pedidos de calma, ao longo do processo de elaboração desta monografia, foram essenciais para que a tranqüilidade ancorasse na minha alma. Suas palavras foram essenciais no caminho árduo e difícil que trilhei.

Ao professor **Renato Amado Peixoto**, pelas vezes que se dispôs a me escutar, pela mão sempre estendida para me ajudar, pela oportunidade de desenvolvimento intelectual que tive ao participar do seu grupo de estudos.

A professora **Aurinete Girão**, pela alegria e disposição que sempre teve para ajudar a todos os alunos que a procuraram.

Aos amigos **Gicelma, Niara e Sammy**, pela convivência ao longo do curso.

Ao meu amigo **Franzúncil** pelas ajudas mil na formatação e digitação deste trabalho.

Aos muitos outros – que agora não lembro - que sempre estiveram na torcida pelo o meu avanço e superação.

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização desse trabalho. Esperando não me esquecer de citar nenhuma delas, agradeço sinceramente:

Aos **meus pais** que, por acreditarem sempre no meu potencial, proporcionaram tantas coisas boas para a minha vida. A eles credito toda dignidade que carrego comigo. A eles agradeço o aprendizado das letras e da vida.

A **Airton**, meu amado esposo, que sempre esteve por perto, mesmo nos momentos mais difíceis. Seu carinho e paciência me acalmaram a alma nos momentos de aflição.

Aos **meus amigos** que acreditaram no meu desempenho.

A **Vanda** – a quem chamo carinhosamente de mãe – por me tratar como uma filha.

A **Karla Valéria**, que eu considero como uma irmã.

Ao meu orientador **Raimundo Nonato da Rocha**, pela orientação e pela paciência. Seus pedidos de calma, ao longo do processo de elaboração desta monografia, foram essenciais para que a tranquilidade ancorasse na minha alma. Suas palavras foram essenciais no caminho árduo e difícil que trilhei.

Ao professor **Renato Amado Peixoto**, pelas vezes que se dispôs a me escutar, pela mão sempre estendida para me ajudar, pela oportunidade de desenvolvimento intelectual que tive ao participar do seu grupo de estudos.

A professora **Aurinete Girão**, pela alegria e disposição que sempre teve para ajudar a todos os alunos que a procuraram.

Aos amigos **Gicelma, Niara e Sammy**, pela convivência ao longo do curso.

Ao meu amigo **Franzúncil** pelas ajudas mil na formatação e digitação deste trabalho.

Aos muitos outros – que agora não lembro - que sempre estiveram na torcida pelo o meu avanço e superação.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: OS ELOS DA MEMÓRIA: da visita ao suicídio	11
1.1 Natal em 1943: a importância da visita de Vargas à cidade.	11
1.2 O fim do Estado Novo e a nova organização política: aspectos nacionais e estaduais.	18
CAPÍTULO 2: A CIDADE E O SUICÍDIO DE GETÚLIO VARGAS: as memórias ambíguas	23
2.1 As Eleições de 1950: “ele voltará”	23
2.2 As lembranças do suicídio: análise das entrevistas	30
CAPÍTULO 3: AS EXPECTATIVAS PARA A ADMINISTRAÇÃO DE CAFÉ FILHO E A ORGANIZAÇÃO DO NOVO ESPAÇO POLÍTICO: Natal após o suicídio de Vargas	39
CONCLUSÃO	46
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXOS	

## INTRODUÇÃO

24 de agosto de 1954, 7h 40 minutos. Nessa data, nesse horário, suicidou-se o Presidente da República Federativa do Brasil, Getúlio Dorneles Vargas.

Como norte-rio-grandense sempre me interessei por esse fato, pois ele possibilitou que o potiguar Café Filho, então vice-presidente, assumisse o poder no país. Entretanto, esse meu interesse se resumiu, por muito tempo, ao campo da curiosidade. Todavia, em junho de 2008, em uma conversa informal com o senhor Raimundo Marques de Araújo, que na época morava vizinho a minha casa, fui instigada a estudar sobre as repercussões do suicídio de Vargas. O senhor Raimundo, militar aposentado do Exército Brasileiro que em 1954 era Praça do Exército, relatou-me naquela ocasião a agitação dos quartéis de Natal após o suicídio de Vargas e os temores existentes de uma possível rebelião popular. Na visão do depoente a morte de Vargas repercutiu de forma tão intensa nas ruas que todos ficaram assustados e no seio militar essa situação gerou muita ansiedade.

Fiquei surpresa com essa narrativa, porque nunca havia lido ou escutado notícias que evidenciassem as reações populares em Natal diante da morte inesperada de Vargas. Essa surpresa associou-se os meus estudos na graduação em História. Naquela época havia cursado duas disciplinas que afluíam com muita força: história oral e História do Brasil República II. Em Brasil República havia compreendido as várias faces de Vargas e as relações que ele estabelecia com a população; Havia ficado impressionada com a personalidade marcante e polêmica de Vargas; havia ficado intrigada como um tiro no peito conseguiu imortalizar-se na memória do povo brasileiro. Já em História Oral havia aprendido possibilidades de investigativas a partir de depoimentos orais.

A partir desse conjunto de elementos, resolvi estudar as repercussões da morte de Vargas em Natal. Comecei a indagar: como o imaginário de cada indivíduo foi afetado? Como as pessoas viveram aquele momento? Como as pessoas que viveram aquele momento o relembram hoje? O que dizem as pessoas sobre aquele dia? Que sentimentos? A sociedade nutria pelo Presidente? Como o suicídio foi anunciado pela imprensa?

O tema Getúlio Vargas é, talvez, um dos mais pesquisados pelos historiadores nacionais. Certamente a personalidade do ex-presidente favorece para esse interesse. À figura são apresentadas características das mais diversas: pai dos pobres; ditador; carismático; hábil sagaz e tantas outras.

Analisando a bibliografia sobre Vargas, podemos afirmar que o Presidente tem sido objeto de muitas investigações. Entretanto, até o presente momento não encontramos nenhum estudo que se dedique a entender os sentimentos individuais e coletivos da sociedade diante do suicídio de Vargas. Nesse sentido, ultrapassando as transformações na política e na economia que interferiram na ação varguista, pretendo perceber as reações da população diante do suicídio. Pretendo pesquisar a reação da sociedade natalense ao suicídio desse personagem tão ambíguo, enfocando variadas camadas sociais: militares, intelectuais, as classes mais populares. \*

O ano de 1943, quando ocorreu a visita de Vargas a Natal, a 1956, quando a política do Estado passa por uma crise, assim como as demais capitais do país.

Vários autores escreveram sobre a crise política de 1954, sempre retratando o panorama geral do Brasil no período. Sobre a reação dos natalenses ao suicídio, as memórias e os relatos dos que viveram no período são fundamentais para realização desse trabalho. Contudo, é preciso compreender o contexto nacional do segundo governo Vargas.

O autor Pedro Sampaio Malan, do Departamento de Economia da PUC, Rio de Janeiro, escreveu sobre as condições internacionais no segundo governo Vargas, na primeira metade dos anos 50. Malan analisa a relação Brasil – Estados Unidos nesse período, momento em que os países tentam recuperar-se dos estragos da Segunda Guerra Mundial. O autor, nesse sentido, discute a economia no segundo governo Vargas, e acredita que a crise política que culminou com o suicídio do presidente teve como foco principal as divergências na intervenção do setor público na vida econômica. No plano interno, as divergências ocorriam devido às tensões entre a corrente nacional – populista e as arcaicas bases sociais de sustentação do Estado brasileiro; no plano externo, as divergências foram ocasionadas pelo agravamento da Guerra Fria, e principalmente pela perda de credibilidade do Brasil a partir de 1952, junto às instituições financeiras internacionais. (MALAN, 1986, p.70-77)

Analisando o momento político em que se encontrava o Brasil nos anos 50, Leôncio Basbaum relata como foi a volta de Getúlio à presidência. Sua análise não é tão voltada para a economia como a de Pedro Malan. Basbaum remete-se à crise política do pós- guerra, à luta pela independência de países como Polônia, Tchecoslováquia e Hungria, que haviam tornado-se republicas populares que se encaminhavam para o socialismo. A única potencia que continuara imune à guerra foi os Estados Unidos. Nesse período, a crise política tornou-se mais grave devido ao acirramento de ânimos da Guerra Fria, que alimentava a indústria americana. Ocorre nessa época aqui no Brasil o que Leôncio denomina como “a grande

invasão imperialista americana”, que se fez presente nos investimentos industriais. Esse é o contexto trabalhado com Leôncio Basbaum, que a partir daí relata toda trajetória do segundo governo Vargas, já tão conhecida pelos historiadores. Porém, apesar do tom de denuncia, posiciona-se a favor de Vargas no que diz respeito ao atentado da Rua Toneleiros. Para ele, o presidente foi vítima tanto de seus inimigos quanto de seus amigos. O posicionamento do autor é de extrema importância para esse trabalho, tendo em vista que as impressões sobre a figura de Getúlio explicam as reações populares ocorridas no seu suicídio. Sobre isso, o autor fala ainda das revoltas populares que ocorreram em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre e ressalta que as reações ocorreram em todo o Brasil. A morte de Getúlio representou, dessa forma, a derrota da UDN, pois como escreveu Basbaum: “A UDN subiu ao poder, de cabeça baixa, de ombros curvados, ao peso de um cadáver.”( BASBAUM, 1991, p.209).

Os dois autores acima citados, cada qual com seu posicionamento e contribuição, são exemplos de muitos estudiosos sobre a Era Vargas. Geralmente cada autor privilegia um campo para analisar a crise: Pedro Malan analisa aspectos econômicos; Leôncio Basbaum diz que a crise teve como foco a política. Nesse sentido, esse trabalho terá como principal referencial a análise política, econômica e social do segundo governo Vargas, porém sem procurar estabelecer culpados ou responsáveis pelo fim trágico de Getúlio. O diferencial, dessa forma, serão as consequências para a população de todo um desastre, que não teve apenas um culpado, mas vários. Não se sabe ao certo de quem foi a culpa da crise, assim como não se sabe as verdadeiras intenções de Vargas ao cometer o suicídio.

A imprensa natalense, no dia seguinte ao suicídio de Vargas, anuncia como o grande destaque a ascensão de Café Filho ao poder. Não há manchetes sobre o temor de uma rebelião, ou sobre os quartéis de prontidão. Porém testemunhas falam sobre o receio de um levante popular. Tudo isso reforça para mim como historiadora a importância de se estudar a repercussão em Natal do suicídio de Vargas. São muitas as perguntas não respondidas, muitas também são as memórias que não podem e não devem calar-se ou até mesmo reduzirem-se ao esquecimento. E é esse o principal motivo que me fez regressar cinquenta e cinco anos no tempo, para conhecer, através da morte de Vargas, a sua importância para uma sociedade que parecia tão distante de todo o caos que assolava o país.

Para realizar esse trabalho utilizei fontes orais e escritas, no intuito de atingir os objetivos propostos. Obras sobre Vargas, recortes de jornais locais do período, depoimentos de pessoas que viveram aquela época foram analisados para chegar a uma conclusão sobre a reação da sociedade natalense ao suicídio de Getúlio Vargas.



Através dos jornais locais do período analisei a participação e a relação do governo estadual – no período em questão, o governador era Sylvio Pizza Pedroza – Com o governo federal: se pertenciam ao mesmo partido político, se houve participação do governador no período da crise de 1954. Também através dos jornais avalei como era a cidade do Natal, tanto no período da visita de Vargas, quanto no período do suicídio: seu desenvolvimento, seus hábitos, a participação popular na vida política. Os jornais analisados foram: A republica, Tribuna do Norte, A Ordem, Jornal de Natal. O trabalho de pesquisa com esse tipo de fonte foi realizado no IHGB-RN, no período de setembro a dezembro de 2008, no Arquivo publico no período de março a junho de 2009, além da sede do jornal A Republica.

Paralelo à pesquisa com recortes de jornais, realizei as duas entrevistas, no sentido de manter contato direto com alguns contemporâneos do suicídio. As fontes orais serviram para investigar como a sociedade reagiu à morte de um líder político populista, carismático e habilidoso como Getulio Vargas. Os entrevistados foram: o senhor Raimundo ~~Ar~~ Marques de Araujo, militar no período do suicídio; e a senhora Maria Zélia Pinheiro, na época uma adolescente, mas uma profunda admiradora de Vargas, admiração que persiste até os dias atuais.

Portanto, o que foi identificado neste trabalho foi a reação de diferentes classes sociais do Natal ao suicídio de Getúlio Vargas, e as relações políticas entre os governos estadual e federal antes e após a morte de Vargas. Ao concluir este trabalho monográfico, espero responder o problema proposto.

O trabalho este estruturado em três capítulos. No primeiro, será abordado a visita de Vargas à cidade em 1943, bem como os aspectos políticos do período. A idéia é criar um elo entre Natal e Vargas, demonstrando as relações entre a cidade e o presidente. Num segundo momento, será tratado sobre o período conhecido como período democrático, demonstrando como os partidos políticos surgiram e se organizaram, tanto no âmbito nacional quanto no estadual, chegando até a década de 50, quando ocorreram as eleições para presidente e governador.

O segundo capítulo será composto pela análise das eleições que ocorreram em 1950, que trouxe de volta Getulio ao poder. Depois será feita a análise das entrevistas realizadas – que estão em anexos – e pela descrição das reações, ou possíveis revoltas, que ocorreram na cidade. As análises estarão centralizadas nos sentimentos, nas memórias dos entrevistados, na concepção que cada um deles tinha da figura do presidente. A partir das análises, será

discutido o conceito de Memória coletiva de Maurice Halbwachs, para explicar as ligações dos entrevistados com o personagem em questão através dos laços de afetividade.

No terceiro capítulo, será discutido a reconstrução dos espaços, tanto no âmbito político quanto no cultural e imaginário, após o suicídio de Vargas. Tendo em vista que após o trágico acontecimento um norte-rio-grandense torna-se presidente, os natalenses esperavam um destaque e uma atenção maior na política, o que não aconteceu. Afinal, o que esperavam as pessoas que Café Filho fizesse por Natal? As entrevistas realizadas revelam a frustração dos natalenses com o mandato de Café Filho. Nesse capítulo, portanto, serão analisadas as mudanças ocorridas após o suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954, analisando dessa forma os pontos positivos e negativos da ascensão de Café Filho à presidência.

## CAPÍTULO 1

### OS ELOS DA MEMÓRIA: a visita e o suicídio

#### 1.1 Natal em 1943: a importância da visita de Vargas à cidade

No dia 28 de janeiro de 1943, o então Presidente da República, chefe do Estado Getúlio Dorneles Vargas visitou, acompanhado do Presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Delano Roosevelt, a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. As relações entre Brasil e Estados Unidos aos poucos se estreitava, e a Conferência do Potengi<sup>1</sup> – assim a foi batizado, pelos próprios natalenses, o encontro entre os dois Chefes de Estado – estreitou de forma definitiva os laços entre essas duas nações, tendo em vista o panorama político e econômico da Segunda Guerra Mundial, que dividia o mundo entre dois blocos: um liderado pelos EUA e outro liderado pela Alemanha.

Deveria ter sido aquele dia motivo para muitas festas, pompas, cerimoniais, no entanto, a visita de Vargas a Natal foi marcada pelo silêncio; apenas algumas autoridades, as mais importantes, participaram da Conferência do Potengi. Não houve comício, fogos de artifícios nem nada que chamasse tanto a atenção dos natalenses, houve apenas um desfile em um automóvel aberto pelas principais ruas da cidade.

Analisando os jornais da época, é notável um fato de extrema importância: a visita de Vargas não foi noticiada no dia 28 de janeiro, e sim no dia 29 de janeiro de 1943<sup>2</sup>, em um

---

<sup>1</sup> A “Conferência do Potengi” ocorreu em Natal no dia 28 de janeiro de 1943. essa conferencia teve objetivo de discutir a participação do Brasil na Segunda Guerra apoiando os EUA. Estiveram presentes na Conferencia de 1943 diversas autoridades, entre elas: o presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Delano Roosevelt; o presidente do Brasil Getúlio Vargas; o embaixador americano no Brasil Jefferson Caffery; o cônsul americano em Natal, Harold Simms; o comandante da esquadra americana no Atlântico Sul, almirante Jonas H. Ingran; o comandante da Segunda Zona Aérea, brigadeiro Eduardo Gomes; o comandante da Base Naval de Natal, almirante Ary Parreira; o comandante de infantaria da 14 divisão, general Gustavo Cordeiro de Faria; o Interventor Federal Rafael Fernandes Gurjão; e o general do exército americano Robert Walsh. (cf. Tribuna do Norte. Caderno Viver. 2 fev 2009).

<sup>2</sup> A República, Natal, 29 jan. 1943.

comunicado da Agência Nacional. Vargas chegou à cidade de Natal na noite do dia 27 de janeiro, no dia seguinte dia 28 pela manhã chegou o presidente Roosevelt. Dessa forma, porque sua visita não foi anunciada nesse mesmo dia? Por razões muito simples e já bastante conhecidas pelos historiadores: não se tratava de uma visita cordial à cidade, e sim de um acordo – naquela época secreto – entre dois grandes Chefes de Estado, no momento decisivo da Segunda Guerra Mundial, de modo que, não era momento para grandes alardes.

Apesar disso, a visita de Vargas propiciou muito orgulho ao povo natalense, visto que dois dias depois, quando se descobriu de quem se tratava, não se falava em outra coisa na cidade. Essa visita criou uma espécie de elo entre Vargas e o povo natalense, causando assim certo impacto<sup>3</sup>.

Sobre a visita de Vargas e Roosevelt a Natal, dona Alda Ivanoska Fernandes Ribeiro<sup>4</sup>, em entrevista concedida à Fundação Rampa, afirma:

Foi tudo muito sigiloso, ninguém sabia, nem mesmo meu pai. Quando eu vi, corri para um telefone que tinha na praça e liguei para casa, avisando papai que vira GG, num carro Jeep. Depois papai revelou que naquele dia pediram um carro do governo para a Rampa, somente um carro e um motorista de confiança. Papai mandou Sr. Bianor, que depois relatou o “passeio” onde tinha um “aleijadinho” que todo mundo paparicava, desconhecendo aquela pessoa ser o presidente americano.<sup>5</sup>

Natal era, nesse período, uma cidade em pleno desenvolvimento, uma vez que chefiada pelo interventor Rafael Fernandes Gurjão, não era diferente das outras cidades brasileiras: a política era controlada por Vargas, como Chefe de Estado, através da indicação de um interventor, que deveria ser de sua extrema confiança. Não só a política, como também

---

<sup>3</sup> Assim anunciava o jornal A República de 31 de janeiro de 1943: “Toda a cidade se encontra ainda hoje sob a viva impressão da memorável ‘Conferência de Natal’, em que se reuniram aqui os presidentes Roosevelt e Getúlio Vargas com o fim de tratarem dos assuntos da mais alta importância para o destino dos dois povos e para o curso do conflito atual”. (A República, 31 jan. 1943).

<sup>4</sup> Dona Alda Ivanoska é filha de Aldo Fernandes Ribeiro de Melo, secretário geral do Estado no ano de 1943. Concedeu uma entrevista inédita ao jornalista Leonardo Dantas, para Fundação Rampa, em comemoração aos 66 anos da Conferência do Potengi. Tentei realizar uma entrevista exclusiva para esse trabalho monográfico, mas por problemas de saúde, dona Ivanoska não pode receber-me para entrevista-la..

<sup>5</sup> Alda Ivanoska Fernandes Ribeiro em entrevista concedida à Fundação Rampa em novembro de 2008.

a imprensa era controlada pelo Chefe de Estado, daí a notícia sobre a visita de Vargas a Natal só ter sido publicada quando ele achou conveniente.

O povo assistia ao passeio dos presidentes como se estivesse assistindo a qualquer outro carro passeando pelas ruas, pois não sabiam se tratar de duas grandes autoridades, dois líderes que ali estavam para, possivelmente, decidir o futuro da nação. Poucas pessoas reconheceram o presidente Vargas, apenas quem se aproximava do navio destroyer Humboldt – navio de guerra onde ele e Roosevelt se hospedaram – ou do carro que os conduziam pelas ruas da cidade sabia de quem se tratava.

A imprensa local da época exaltava a popularidade, a simpatia e o espírito de humildade do presidente. O jornal *A República*<sup>6</sup>, por exemplo, noticiou a “grande sorte” de cinco garotos que estavam pescando em uma pequena canoa, e que haviam reconhecido o presidente, este mandou que eles fossem levados à sua presença. Ofereceu-lhes matrícula na Escola de Pesca Darci Vargas, na capital federal, convite que foi prontamente aceito. O Interventor do Rio Grande do Norte no período, Rafael Fernandes, prontificou-se a providenciar a viagem dos cinco, que seguiram para o Rio de Janeiro cinco dias após a partida do presidente.

Outro caso que mostra a popularidade de Vargas, também divulgado pela imprensa, foi a conversa de Vargas com o Dr. Miguel Martins, que na época era o médico chefe da saúde do Porto de Natal, por ocasião de sua visita ao campo de Parnamirim, acompanhado do presidente Roosevelt. O presidente brasileiro elogiou o serviço prestado pelo médico à comunidade, pelo combate à invasão do *Gambiae*.

Assim foi a visita de Vargas a Natal: rápida, discreta, porém definitiva para delimitar o papel tanto de Natal quanto do resto do país na segunda Guerra Mundial.

---

<sup>6</sup> *A República*, 31 jan. 1943.

Durante todo o período do Estado Novo, Natal teve oportunidade de receber grandes visitas: em 1942, o Almirante Jorge Dodswoth e o Brigadeiro Eduardo Gomes estiveram em Natal, em uma visita à classe militar da cidade. Em 1943 – pouco antes da visita de Vargas – esteve em Natal o Ministro Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica, que esteve realizando uma inspeção às bases militares do Nordeste. Todas essas visitas foram com interesses militares, inclusive a do presidente Getúlio Vargas. Eram realizadas reuniões fechadas, que não contavam com a participação popular.

É por isso que a visita do presidente teve um gostinho especial para a cidade: apesar de também não ter realizado nenhum comício, Vargas sempre foi um político carismático e o seu passeio de automóvel pelas ruas de Natal, apesar de não ter sido de imediato reconhecido deu a sua visita um ar de popularidade, e até mesmo de humildade.

Quando Vargas se suicida em 1954, muitos natalenses têm ainda na memória a presença do presidente na cidade, o que foi de certa forma um elo que permaneceu vivo para quem sentiu os dois momentos – a visita, em 1943; e o suicídio, em 1954 -. As pessoas que viram e acenaram para o presidente sentiram-se ligadas a ele na sua morte. São os laços de afetividade, que Maurice Hawbwachs<sup>7</sup> defende. É a ligação entre dois indivíduos através da memória.

Vargas inicia o ano de 1942 com um discurso patriótico, proferido em um almoço oferecido a ele pelas classes armadas, na ocasião, o presidente conclamava toda a população a apoiar e manifestar solidariedade aos Estados Unidos<sup>8</sup>, enfatizando sempre o crescimento econômico e industrial do Brasil, mesmo em períodos de guerra. Esse discurso foi publicado nos principais jornais de todas as capitais brasileiras<sup>9</sup> e em Natal, causou grande comoção não apenas para a classe militar, mas para outros setores da sociedade, dentre eles a classe

---

<sup>7</sup> HAWBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo, 2006.

<sup>8</sup> Vargas estava se referindo ao ataque a base naval norte – americana de Pearl Harbor, atacada pelos japoneses em dezembro de 1941. Vargas utilizou-se desse fato para obter o apoio da população.

<sup>9</sup> A República, 2 jan. 1942.

trabalhadora, que mesmo não compreendendo a finalidade do discurso, concordava com as palavras do presidente no que dizia respeito ao crescimento econômico.

No dia 10 de janeiro de 1942, a Associação Norte-Riograndense de Imprensa declarou solidariedade ao presidente da república, aprovando uma moção de solidariedade. Que a imprensa apoiasse o presidente já era esperado, tendo em vista que era controlada por ele, mas os jornais relatam também que essa atitude da imprensa norte-riograndense contou com o apoio de todas as classes sociais. Mas afinal, a que classes os jornais da época estão se referindo? O que elas estão apoiando: Vargas ou os Estados Unidos?

Getúlio sempre foi um personagem ambíguo em tudo que fazia: nas atitudes, nos discursos, até mesmo nas expressões faciais. O discurso ao qual me referi foi proferido para a classe militar, e o objetivo era pedir apoio para os Estados Unidos da América. Todavia, como Vargas sempre soube como ninguém utilizar convenientemente as palavras, falou primeiro de todas as realizações promovidas em seu governo, porque sabia que assim ganharia o apoio da classe trabalhadora – que era como ainda é nos dias atuais, a maioria no Brasil -. Ao se referirem a “todas as classes sociais”, os jornais enfatizam principalmente os militares, porque era a classe de maior importância para o governo; era a classe que sabia exatamente o que significavam as palavras do presidente. As demais classes deixaram-se levar pela comoção, pela bondade e solidariedade de Vargas.

Com a participação da cidade na Segunda Guerra Mundial, que teve como conseqüência a vinda dos americanos para a base naval de Parnamirim no ano de 1942, o desenvolvimento das ruas e das demais estruturas urbanas tornou-se inevitável. Há vários trabalhos sobre esse período, demonstrando que tanto Natal quanto Parnamirim expandiram tanto nos aspectos urbanos quanto nos sociais. Os americanos eram festivos, gostavam das mulheres da terra, eram frequêntadores assíduos dos cabarés da cidade. Natal era, portanto, o paraíso em meio a todo o caos vivido na Segunda Guerra Mundial, porém, apesar de tantas

X

festividades, os americanos sabiam por que estavam nesse paraíso. Dessa forma, o estado de tensão reinava na cidade.

Em 1941, o Almirante Ary Parreiras criou a Base Naval do Natal em Refoles (Alecrim). Em 1942, Parnamirim, cidade já muito conhecida e citada pelos seus ilustres visitantes<sup>10</sup>, foi designada a abrigar a Base Aérea, instalada pela Força Aérea Brasileira. As duas cidades tiveram, assim, uma grande mudança em seu cotidiano. A cidade de Parnamirim foi ligada a Natal através de uma estrada asfaltada, de 20 quilômetros<sup>11</sup>, também os americanos construíram o campo de Parnamirim Field, que facilitou as estratégias norte-americanas. (2)

Parnamirim, assim como Natal, passou por um enorme desenvolvimento urbano. Segundo Cascudo: “Parnamirim Field é, sob a administração americana, teste aprovativo do caboclo brasileiro, sua capacidade de assimilação, improvisação, resistência... Parnamirim, índice do tempo, tinha todas as manifestações da vida norte-americana.” (1980).

Além da modernidade do campo de Parnamirim Field a cidade também era palco de uma situação de miséria, o outro lado da cidade adaptada aos valores norte-americanos: era a vila civil, pobre, com grupo escolar e iluminação elétrica.

As duas cidades, interligadas por um mesmo ideal, puderam, de certa forma, aproveitar o período de tensão para usufruir de algum benefício: Natal com suas praias atraía a atenção dos militares norte americanos; Parnamirim, assim como a capital, viu sua economia prosperar no período de guerra. Sobre esse período, Cascudo diz o seguinte:

Vale dizer que a população inteira correspondeu ao momento. Era a cidade cuja Defesa Civil se organizou sob a pressão inevitável de ameaças lógicas. Tudo apareceu na medida do possível, guardas voluntários, abrigos públicos, cursos de

---

<sup>10</sup> “Parnamirim começou a ser citada porque aí chegavam ministros de Estado, embaixadores, generais, almirantes, jornalistas, industriais, gente de fotografia em jornal e freguesia nos noticiários.” In: CASCUDO, Luis da Câmara. História da Cidade do Natal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p.400.

<sup>11</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História da Cidade do Natal. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. p.400.



alertadores, polícia de black-out. Também reapareceu a eterna fauna dos que balançam a cabeça, criticando a sombra os carregadores de pedra ao sol.<sup>12</sup>

Foi essa a Natal que Vargas presenciou em 1943. Uma cidade que se preparava para adequar-se aos seus desconhecidos hóspedes, terra de um povo que guarda na memória o grande feito de servir aos interesses militares norte-americanos. No que diz respeito à política, Natal não era tão diferente das demais cidades brasileiras. Havia sim grandes diferenças econômicas: a cidade não participava de forma tão ativa do processo voraz de industrialização promovido por Getúlio Vargas, no entanto com a chegada dos americanos, a economia cresceu muito, principalmente no setor comercial

Sob a administração do Interventor Rafael Fernandes Gurjão, Natal enfrentava um surto de desenvolvimento econômico com o crescimento da fortuna privada e a fortificação dos cofres do estado, isso devido à riqueza originada com a exportação dos minérios. Sobre isso, os historiadores Luiz Eduardo e Marlene Mariz escrevem:

[...] pode-se dizer que Rafael Fernandes Gurjão fez uma boa administração, numa fase difícil de mudanças sociais e econômicas, preocupando-se com a distribuição da produção norte-rio-grandense, tendo em vista os problemas de dificuldades de transporte motivados pela situação nacional e universal com o início da segunda guerra mundial, embora sofresse muitas críticas dos seus opositores, pela sua posição com respeito a suas indústrias<sup>13</sup>

Em 29 de outubro de 1945, quando chega ao fim o Estado Novo, Natal contava com um espaço urbano muito desenvolvido, quando comparado à década anterior. Vargas deixa o governo, e no Rio Grande do Norte os interventores administram até o ano de 1947, sendo o último interventor do Estado o General Orestes da Rocha Lima, que administrou de janeiro a julho de 1947. Inicia-se em todo o país o período democrático, após quinze anos do governo autoritário de Getúlio Vargas. Em Natal, o prefeito em 1946 é o mesmo que vai governar o

---

<sup>12</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. História da Cidade do Natal. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. p.401.

<sup>13</sup> MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. História do Rio Grande do Norte. Natal, Sebo Vermelho, 2005. p.313.

Estado no período do segundo governo Vargas, de 1951 a 1956. Trata-se do senhor Silvio Piza pedroza, grande admirador das artes.

A imagem deixada por Vargas na memória dos natalenses não é o Vargas ditador, autoritário ou chefe de estado. No país iniciava-se a propagação do movimento queremista, que veio contribuir para a volta de Vargas em 1951. Para os poucos que o viram, não apenas em Natal, mas em todo Brasil, permaneceu a lembrança do líder carismático, o “pai dos pobres”, como o intitulavam os trabalhadores. É essa memória que liga os dois períodos: a visita à cidade de Natal, em 1943 e a reação ao suicídio, em 1954.

## 1.2 O fim do Estado Novo e a nova organização política: aspectos nacionais e estaduais

Após o fim do Estado Novo, iniciou-se no Brasil o período de redemocratização, após quinze anos de uma ditadura maquiada pelas leis trabalhistas de Vargas, entram em cena novos partidos políticos, dentre eles três de grande importância: a UDN (União Democrática Nacional); o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro); e o PSD (Partido Social Democrático). Vargas é deposto em outubro de 1945, mas permanece na memória da classe trabalhadora, que através de uma simples frase: QUEREMOS GETÚLIO, lança no país um dos primeiros movimentos políticos de interesses e consciência coletiva: o queremismo. Segundo Jorge Ferreira,

O queremismo apresenta ao estudioso algo que, na tradição intelectual de liberais ou das esquerdas, soa como estranho: cai a ditadura do Estado Novo, mas cresce o prestígio do ditador; vislumbra-se o regime democrático, e, no entanto, os trabalhadores exigem a permanência de Vargas no poder.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.) .O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática. In: FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. vol.3. p.15.

Foi exatamente isso que aconteceu: a saída de Vargas da presidência mobilizou toda a classe operária, que não queria perder os direitos trabalhistas adquiridos durante o Estado Novo. Os três partidos que surgiram nesse período se alternavam na cena política através de uniões e acordos, a ponto de serem reconhecidos não pelo nome, ou sigla, e sim por serem a favor ou contra Getúlio Vargas. Nesse sentido, após o Estado Novo a política brasileira era composta pelos Getulistas – bandeira levantada pelo PTB, partido defendido por Vargas, que convidava constantemente seus eleitores para fazer parte desse partido, com total apoio do PSD, e os antigetulistas – representados ferrenhamente pela UDN.

A idéia de redemocratização surge a partir da publicação do decreto lei conhecido como Lei Agamenon<sup>15</sup>. Os partidos deveriam ter caráter nacional, e não mais estadual, como ocorria anteriormente. Era o fim dos partidos oligárquicos, ou pelo menos uma tentativa de estabelecer uma ordem democrática. (DELGADO, 2008, pág.134.).

Cada partido tinha características e interesses específicos: A UDN era conhecida por ser de oposição; o PSD pelo conservadorismo de seus integrantes e pela habilidade política, principalmente no jogo dos acordos e o PTB, o que representava o PTB? O PTB, como a própria sigla indicava, era o partido da classe trabalhadora, que muitas vezes se confundia com o próprio movimento queremista, pelo apelo de Vargas à classe operária. Era o partido do presidente, das leis trabalhistas, dos getulistas. Sobre o PTB, Ferreira escreveu:

Suas origens, seus objetivos comuns e suas relações fluidas e não- explicitadas, embora com identidades distintas, permitiram, segundo Lucília Neves Delgado, que os trabalhadores tomassem as expressões trabalhismo e queremismo como sinônimos de getulismo. ( FERREIRA, 2008, pág.25.).

O período democrático inicia-se repleto de contradições. As eleições de 1946 elege o General Eurico Gaspar Dutra, que recebe o apoio de Getúlio praticamente às vésperas das eleições e até então, o candidato da UDN, Brigadeiro Eduardo Gomes, contava como certa

---

<sup>15</sup> A lei recebeu esse nome por ter sido elaborada pelo ex- interventor pernambucano Agamenon Magalhães, a pedido de Vargas, para “regulamentar as condições da transição”.

sua vitória para presidência. Os trabalhadores até aí não tinham em quem votar, apenas “queriam Getúlio”, o pai que os amparou e lhes deu os benefícios da legislação social, e que agora eles temiam perder. Vargas, até então neutro para as eleições que indicariam o próximo presidente, fez um acordo político com o PSD: apoiaria a candidatura de Dutra, contudo ele teria que manter todos os benefícios que havia criado para os trabalhadores durante o Estado Novo. O manifesto de Vargas apoiando o candidato do PSD foi divulgado no último comício do general Dutra, poucos dias antes das eleições de 02 de dezembro de 1945. Os trabalhadores, que já antipatizavam o brigadeiro, agora sabiam que tinha no candidato do PSD um representante do pai dos pobres. (FERREIRA, 2008, pág. 42).

Dessa forma, Eurico Gaspar Dutra governou o país até 1950<sup>51</sup>, quando novas eleições foram realizadas e Vargas voltou para o Palácio Guanabara logo depois do mandato de Dutra, após ter garantido seu lugar desde 1945 com o acordo entre PTB e PSD com a garantia das leis trabalhistas. Voltou ao som dos mesmos gritos que ecoavam nas manifestações que faziam os trabalhadores nos comícios udenistas em 1945: queremos Getúlio.

O Rio Grande do Norte, assim como todo o país, também participou do processo de redemocratização. Os interventores permaneceram nos Estados até 1947, no entanto os grupos e forças políticas de cada Estado se organizavam agora em partidos. Cada Estado tinha sua organização partidária, e os partidos passam a ter um grande valor institucional, apesar do clientelismo que, mesmo no período democrático, continuou a reinar nas organizações.

No Rio Grande do Norte, era nítida a liderança de dois partidos políticos: O PSD (Partido Social Democrata), fundado pelos políticos que lideravam as interventorias no Estado, como Georgino Avelino e Dioclécio Duarte; e a UDN (União Democrática Nacional), fundada por políticos marginalizados do processo das interventorias, como José Augusto, Dinarte Mariz e Juvenal Lamartine. O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) existiu nesse período no Rio Grande do Norte, e foi fundado por Clóvis Mota. Porém não tinha o mesmo

apoio popular que tinha o partido nos demais Estados. No Rio Grande do Norte, os trabalhadores se identificavam com o discurso antioligárquico de João Café Filho, que liderava o Partido Social Progressista (PSP), sendo o responsável pelo Movimento populista no Rio Grande do Norte. Apesar da criação desses partidos, não havia nada de muito novo no Estado. Sobre isso, Suassuna afirma:

Trata-se de um processo de adaptação da estrutura do poder às condições políticas, sociais e econômicas da nova situação. Os grupos políticos que se articularam com a redemocratização, têm uma origem comum nos partidos de antes de trinta. O centro polarizador para a estruturação de dois desses grandes partidos nacionais, nesse momento, foi o sistema de interventorias.<sup>16</sup>

Também no Rio Grande do Norte surge o fenômeno das alianças e coligações, permitidas pela Lei Agamenon. Essas coligações existiam em todo o País, como, por exemplo, a união entre PTB e PSD, relatado anteriormente, nas eleições para presidente da República em 1946. Aqui no estado essas coligações começaram a atuar nas eleições para Governador do Estado no ano de 1947, quando o PSP – liderado por Café Filho – e a UDN – liderada por José Augusto Varela e Dinarte Mariz – se uniram para tentar derrotar o PSD nas urnas eleitorais. Percebe-se nesse período a pouca ou nenhuma atuação do PTB no Estado nesse período, contrariando o que estava ocorrendo nas principais capitais do país. A trilogia partidária era composta pelo quadro PSD – UDN – PSP. X

As eleições para governador do Estado – a primeira após vinte anos de administração das interventorias – realizou-se no dia 19 de janeiro de 1947. O médico José Augusto Varela era o candidato pelo PSD, e enfrentou o desembargador Floriano Cavalcanti de Albuquerque, candidato de uma coligação PSP-UDN. José Augusto Varela eleito, tomando posse somente em primeiro de agosto de 1947, governou o Estado até 31 de janeiro de 1951, quando passou o cargo para o novo governador eleito.

---

<sup>16</sup> MARIZ, Marlene da Silva. SUASSUNA, Luiz Eduardo B. História do Rio Grande do Norte. Natal, Sebo Vermelho, 2005. pág.331.

Termina, enfim, a tão conturbada década de 40, para iniciar-se uma nova etapa da política nacional. Os anos 50 trazem uma esperança de paz, de estabilidade política para o Brasil, pelo menos era o que se esperava conseguir com a tão falada redemocratização. Apesar de o período democrático apresentar basicamente poucas mudanças – tendo em vista que os políticos atuantes eram os mesmos – o País respirava uma esperança, um sopro de liberdade, após todo caos vivido pela Segunda Guerra Mundial. Para Lucilia Delgado, o período de redemocratização:

Foi uma fase de ampliação das práticas democráticas e de crescimento da inserção da sociedade civil no mundo da política institucional. Foi também uma fase de polarização de interesses, proliferação de organizações políticas e sociais e de profundas transformações históricas.<sup>17</sup>

Mas a esperança da paz política é rompida já nos primeiros anos da década de 50, com a crise política ocasionada pela ferrenha perseguição dos udenistas a Getúlio Vargas, que tem como consequência o suicídio do presidente em 1954. No Rio Grande do Norte, os anos 50 também começam com uma tragédia política: a morte do governador, em 1951. Apesar das tragédias, que ninguém sequer imaginava fosse acontecer, a década de 50 inicia-se festiva, com a esperança mantida pelos trabalhadores que Vargas, o protetor dos pobres, retornasse à presidência. E assim aconteceu: depois de muitas expectativas, Vargas volta à presidência, nos braços do povo, e deixa a vida e a política da mesma forma que voltou a presidência. Afinal, era uma honra carregar aquele cadáver, que tanto fez pela nação brasileira. Apesar de ter sido um grande ditador, um dos personagens mais ambíguos da História brasileira e quem viveu aquela época sabe perfeitamente o que Vargas representa até hoje para a classe trabalhadora daquele período.

---

<sup>17</sup> FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Vol. 3 pag.151.

## CAPÍTULO 2

### A cidade e o suicídio de Getúlio Vargas: as memórias ambíguas e coletivas

#### 2.1 As Eleições de 1950: “Ele voltará”

O ano de 1950 iniciava com fortes expectativas para a política brasileira devido ser um ano de eleição, tanto para presidência da República quanto para os governadores estaduais. Os jornais de todo país anunciavam a mobilização dos partidos políticos, os possíveis acordos, quem substituiria o general Eurico Gaspar Dutra. Para a política estadual estava ocorrendo o mesmo processo. No caso do Rio Grande do Norte nota-se uma grande mobilização dos principais nomes da política local. Natal nesse ano foi palco de ilustres visitas, filhos da terra que já estavam consagrados na política nacional, como o senador Georgino Avelino, o deputado federal Café Filho, que se pronunciavam no senado a respeito do pleito eleitoral. No jornal A Ordem, de 19 de janeiro de 1950, lê-se a seguinte notícia: *Falando novamente à imprensa, o Sr. Café Filho manifesta-se favorável a reforma da Constituição, elemento catalisador da maioria do povo. Para evitar a confusão e lutas de consequências imprevisíveis.*<sup>18</sup>

Enquanto isso, em sua fazenda em São Borja, Getúlio Vargas recebia cartas de todo o país, principalmente dos trabalhadores, encorajando-o e pedindo para que ele retornasse à presidência, cartas essas inclusive que começaram a chegar desde sua saída, em 1945 (FERREIRA, 2008). Em carta escrita em setembro de 1949, João de Aquino, auxiliar de coletoria da cidade de Caruaru, Pernambuco, escreveu:

Dr. Getulio Vargas, a vossa campanha eleitoral já está feita, já acreditada, perante a consciência de ¾ dos brasileiros livres de brasileiros que não tem interesse algum nos cofres da nação, dos brasileiros que vivem massacrados pelos tubarões, pela

---

<sup>18</sup> A Ordem, 19 jan. 1950.

carestia da vida, em que nos foi presenteados pela tão desejada democracia, presentes estes dos supostos salvadores do Brasil.<sup>19</sup>

Os trabalhadores esperavam ansiosos pela volta do velhinho.<sup>20</sup> No carnaval de 1950, a marchinha Gegê era cantada nas ruas do Rio de Janeiro, prenunciando a volta de Vargas:

O alfabeto tem vinte e cinco letras,  
Das vinte e cinco eu gosto mais da letra G... Gegê. (bis)  
Ai, ai, ai, Gegê, o povo ainda espera por você.<sup>21</sup>

Os trabalhadores gaúchos organizaram uma verdadeira *marcha sobre São Borja*, em 19 de maio de 1950. O motivo do protesto? O mesmo de 1945: eles queriam Getúlio, e foram dispostos a falar pessoalmente com Vargas, que por sua vez se dispôs a recebê-los e ouvi-los. Essa marcha foi organizada logo após o anúncio da candidatura do pessedista Cristiano Machado<sup>22</sup>. Era a resposta dos populares às manipulações feitas pelos partidos políticos.<sup>23</sup>

Os primeiros meses de 1950 foram marcados pelo silêncio dos partidos políticos com relação à campanha presidencial. Havia uma grande indefinição quanto aos possíveis candidatos. Vargas não se pronunciava se seria ou não candidato, porém as correspondências trocadas entre o ex-ditador e João Neves da Fontoura<sup>24</sup> indicavam que, apesar de não pronunciar-se, Getúlio já estava analisando as possibilidades de candidatar-se, procurando unir-se a Ademar de Barros, com quem já havia se aproximado em 1948 por ocasião do Acordo Interpartidário assinado em janeiro, entre o PSD, a UDN e o PR, que tinha por objetivo somar forças entre os três partidos para dificultar a penetração varguista no pleito de 1950. O acordo não prevaleceu, e fortaleceu ainda mais a quem se desejava prejudicar. Adhemar de Barros, na época governador de São Paulo, sentindo-se também ameaçado pela

---

<sup>19</sup> Carta de João de Aquino a Getúlio Vargas pedindo que se candidatassem à presidência da república. In: [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>> acesso em 25 de maio de 2009.

<sup>20</sup> Era comum na época os trabalhadores cantarem marchinhas em homenagem a Vargas. Uma dessas marchinhas, intitulada Retrato do velho, dizia o seguinte: “Bota o retrato do velho, bota no mesmo lugar... o sorriso do velhinho faz a gente trabalhar.

<sup>21</sup> [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>> acesso em 25 de maio de 2009.

<sup>22</sup> Cristiano Machado era o candidato do PSD à presidência da República

<sup>23</sup> A Ordem, 19 de mai. De 1950.

<sup>24</sup> João Neves da Fontoura correligionário de Vargas em 1950 e mantinha constante contatos por meio de correspondências.



união dos três partidos, aproximou-se de Vargas, cogitando uma aliança para as futuras eleições. Vargas afirmava que não tinha intenção de concorrer à presidência, e a partir daí cogitou-se a possibilidade de ser Ademar de Barros <sup>25</sup> o candidato apoiado por Vargas. Mas tudo não passava de suposições. O único partido político que desejava ver Getúlio como candidato era o PTB, porque os demais queriam e necessitavam do seu apoio.

Nesse sentido, os jornais anunciavam nos primeiros meses de 1950 possíveis acordos, feitos em um dia e desfeitos no outro. De janeiro a maio a situação do PTB, PSD e PSP era realmente uma incógnita. Apenas a UDN tinha seu candidato decidido, o Brigadeiro Eduardo Gomes, lançado em 18 de abril na convenção da UDN. O Jornal A Ordem anunciou o acontecimento nos seguintes termos: “Espera-se que na reunião de hoje da UDN seja lançada a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, oficialmente sendo bastante provável que os descontentes do PSD e PTB venham apoiar a chapa udenista.” <sup>26</sup>

Mas apesar do silêncio de Vargas, as especulações continuavam em torno da aliança PTB-PSP. Em uma das cartas enviadas a Getúlio, João ~~W~~ Neves afirma: /

Devo-te dizer, ainda a propósito de Ademar, que a meu ver os governadores de Santa Catarina e Paraná gravitam de facto na órbita de Ademar, embora pertençam ao PSD. Inclusive não se deve esquecer que Adhemar é que sabe onde está o dinheiro... E as eleições são hoje, como sabes, coisas muito caras.... Não sei até que ponto tu tens seguranças eleitorais, mesmo lutando contra Adhemar. Só tu disporás de elementos para avaliar das possibilidades da vitória [...].<sup>27</sup> /

Em março Adhemar e Getúlio oficializaram a aproximação, assinando um acordo de ajuda mútua que oficializou a aliança entre o PTB e o PSP. A partir desse acordo, já se pregava aos quatro cantos do país a candidatura de Vargas, e mesmo assim, Getúlio não confirmava – mas também não negava- sua candidatura. E assim permaneceu até o dia 15 de

---

<sup>25</sup> Ademar de Barros

<sup>26</sup> A Ordem, 18 de abril de 1950.

<sup>27</sup> Carta de João Neves a Getúlio Vargas In: [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>> acesso em 25 de maio de 2009.

junho, quando Ademar realizou um comício no Rio de Janeiro e confirmou que Vargas iria concorrer à presidência. Em agradecimento, Getúlio escreveu a Ademar a seguinte carta:

Itu, 17 de junho de 1950.  
Governador Ademar de Barros  
Li com grande emoção o notável discurso, proferido no momento do ypiranga, em que o preclaro amigo, após o histórico das realizações do seu governo e das dificuldades criadas pela falta de cooperação federal, termina lançando minha candidatura à presidência da Republica.  
Nunca esquecerei sua nobre e corajosa atitude que nos anima e fortalece nesta luta pela prosperidade do Brasil e felicidade do seu povo.  
Cordiais saudações,  
Getúlio Vargas.<sup>28</sup>

Em 26 de abril do mesmo ano, o General Góis Monteiro concedeu uma entrevista definindo a situação do PSD, partido coordenado por ele, e afirmou que o PSD teria seu candidato autônomo, porém estava aberto para negociações com outros partidos, desde que apoiasse o candidato indicado pelo PSD. Mas não se sabia ainda quem seria esse candidato, entretanto o General deixou bem claro à imprensa que não seria nem Getúlio nem Ademar de Barros:

Persistem os jornalistas perguntando se o nome escolhido será submetido à apreciação de Ademar e de Getúlio. O general respondeu: 'não. Mesmo porque nem Getúlio nem Ademar pertencem ao PSD... logo a escolha não depende desses senhores.'<sup>29</sup>

Continuavam as especulações, ate que no dia 16 de maio surgiu o nome do candidato à Presidência da República apoiado pelo PSD: era o mineiro Cristiano Machado, anunciado pelo coordenador do partido.

No Rio Grande do Norte permanecia a mesma indecisão sobre os possíveis candidatos ao governo do Estado. Desde o início de 1950 já se cogitava sobre os possíveis candidatos. Assim como em todo o país, os políticos locais procuravam formar alianças com seus partidos políticos. O senador Georgino Avelino era um forte candidato para concorrer às eleições de 1950. Porém em 17 de janeiro assinou uma carta que beneficiava o governador Jose Varela,

<sup>28</sup> Carta de Getúlio Vargas a Ademar de Barros. In: [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>> acesso em 25 de maio de 2009.

<sup>29</sup> A Ordem, 29 de abr. de 1950.

X

onde assumia o compromisso de não se candidatar ao cargo de governador.<sup>30</sup> A política potiguar modificou-se a partir dessa atitude do senador, pois se esperava que ele fosse candidato.

Outro candidato ao governo potiguar era o deputado Café Filho, que declarou não abrir mão de candidatar-se a governador contra Georgino Avelino, porem tudo não passava de articulações entre partidos políticos. Surgiu ainda o nome do Monsenhor Valfredo Gurgel, Caricouense moosoroense que iria representar a chapa do PSD. Sobre todas essas especulações, o Deputado Café Filho afirmou:

x

As correntes políticas têm conversado comigo, através de elementos destacados de suas hostes. Mas nada há de concreto que altere a situação da minha candidatura ao governo do Estado. Não tenho motivos para desistir. Não há nada a não ser um balanço de fortes conversações.<sup>31</sup>

Café Filho, logo depois dessa entrevista, declara seu apoio ao Senador Georgino Avelino, para que ele enfrente sua luta contra José Varela. Percebendo o clima de indecisão, o presidente General Eurico Gaspar Dutra declarou que não iria interferir na política potiguar. Nesse acordo, Café Filho – junto com seu partido, o PSP – apoiaria Georgino para o Governo do estado e abriria mão da governadoria do Rio Grande do Norte.<sup>32</sup>

Mas essa declaração precipitada gerou um grande mal estar entre os líderes do PSD – partido do Senador Avelino –, haja vista que o mesmo tinha assinado um acordo com o governador José varela afirmando que não se candidataria ao cargo de governador. Em uma convenção do PSD em 24 de fevereiro de 1950, José Varela lembrou a Georgino o acordo traçado, esse por sua vez discursa dizendo que vai cumprir o acordo, e que estava submisso às decisões da comissão Executiva do PSD.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> A Ordem, 17 de jan de 1950.

<sup>31</sup> A Ordem, 10 de fev. de 1950.

<sup>32</sup> A Ordem, 14 de fev. de 1950.

<sup>33</sup> A Ordem, 14 de fev. de 1950.

Nessa mesma convenção, a maioria dos executivos votou a favor da candidatura de Georgino, contrariando o governador José Varela, que rompeu relações com o partido. Essa cisão partidária teve muitas conseqüências, e a principal foi o pedido de demissão do prefeito de Natal, Silvio Pedroza. José Varela fez aliança com a UDN, e a política estadual começava a se delimitar.

As pessoas dos Srs. José Augusto Bezerra e José Varela se salientam nas conversas, como elementos contrários ao Senador Georgino, durante a atual campanha política estadual, que começa a ferver, não somente na cidade, mas de maneira idêntica em quase todo interior do estado.<sup>34</sup>

Foi a partir de abril que a política norte-rio-grandense tornou-se mais estruturada. José Varela coligou-se ao Partido Social Trabalhista (PST) após a cisão com o PSD. Mas a maior novidade é a ascensão política dentro da UDN do grupo “dos Rosados”, que tinha a legenda definida e o apoio do Partido Republicano (PR). Dentro desse grupo destacou-se o senhor Dix-Sept-Rosado, que se candidatou a governador do Estado por esse partido. O nome de Dix-Sept-Rosado passa a ser cogitado a partir de junho, e aí mais um suspense para a política potiguar, tendo em vista que ele negava seu nome para a governadoria. Foi nesse mesmo mês que o PSD do Rio Grande do Norte indicou Teodorico Bezerra como candidato a governador e monsenhor Valfredo Gurgel para senador.

Apesar das indecisões partidárias, das negociações silenciosas, Natal foi nesse período palco de grandes comícios, que reunia multidões nas praças públicas, como os comícios realizados na praça Gentil Ferreira, no Alecrim. Nesse ano esteve em Natal Ademar de Barros, governador de São Paulo, que reuniu uma multidão no campo de Parnamirim, para vê-lo discursar. As pessoas iam ao encontro não do governador, mas do líder partidário, porque política naquele período era representada não pelo candidato, mas pelo partido que o representava.

---

<sup>34</sup> A Ordem, 8 de mar. De 1950.

O fenômeno do populismo no Rio Grande do Norte se fez presente através da mobilização partidária do PSD, que depois de muito silêncio lançou a candidatura do senhor Jerônimo de Sept Rosado – ex-udenista que aderiu ao PSD – para governo do Estado, e o senhor Silvio Pizza Pedrosa – ex prefeito de Natal – para vice governador. Pela UDN, candidatou-se o senhor Manuel Varela de Albuquerque para o governo e Duarte Filho, líder da UDN em Mossoró, para vice. A expressiva vitória de Dix Sept Rosado sobre os udenistas representou a força eleitoral do grupo dos Rosados em Mossoró.

A eleição de três de outubro representou uma nova fase para a política nacional e estadual: Vargas voltou nos braços do povo, aclamado como pai das classes mais humildes, tendo como vice João Café Filho, natalense que já havia conquistado um grande espaço na política nacional. No Rio Grande do Norte os candidatos eleitos também assumiram o governo com novas idéias, novos projetos de urbanização para a cidade. Tinham o apoio político do presidente Vargas para realizar os seus projetos. No entanto, em 12 de julho de 1951, o governador eleito morreu em um acidente aéreo, e assim Sylvio Pedroza assumiu os compromissos como novo governador do Estado, governando até 1955.

A administração de Sylvio Pedroza foi marcada pela modernização da cidade, pela criação de municípios. Durante todo seu governo, o Rio Grande do Norte provou uma grande tranqüilidade que só foi interrompida com a crise política de 1954, causada pelo suicídio de Vargas.

Em todo o país o suicídio do presidente causou reações imprevistas. Em Natal não poderia ser diferente, e quem viveu aquele momento lembra e relata a angústia causada pelas rebeliões que poderiam ter acontecido. Em todos os estados aconteceram reações diversas, em alguns – como no Rio de Janeiro- muito fortes. Em outros lugares – como em Natal- apenas o medo de um levante popular, e no decorrer desse trabalho será relatado o que se esperou acontecer em Natal

## 2.2 As lembranças do suicídio: Análise das entrevistas

Os anos 50 foram marcados pela brusca mudança na estrutura da cidade do Natal, tendo em vista que o governador Sylvio Pizza Pedroza, de apenas 33 anos de idade colocou em pratica as promessas feitas na campanha eleitoral de 1950. Sylvio Pedroza assumiu o governo em 16 de julho de 1951, após a morte do governador Dix-Sept Rosado, eleito em 03 de outubro de 1950. Sylvio, que era vice-governador do Rio Grande do Norte, assumiu o cargo de governador do Estado.

Natal nos anos 50 já não era mais a mesma cidade de 1943, quando ocorreu a visita de Vargas. A administração de Sylvio foi caracterizada pela realização de obras que transformaram o cotidiano da cidade. Dentre as obras realizadas destacam-se: ampliação do sistema rodoviário; início da pavimentação das estradas; motomecanização da agricultura; construção do prédio do Instituto de Educação; construção do prédio do quartel de policia militar, assim como renovação material no seu aparelhamento. Sylvio Pedroza dentre muitas outras obras de grande importância para a cidade se preocupou em investir no desenvolvimento cultural do Estado, haja vista que o governador, além de político, fazia parte da elite intelectual de Natal.

O governador do Estado mantinha um bom relacionamento com o governo federal, principalmente com Café Filho, norte rio-grandense e vice-presidente do país. Natal se urbanizava ainda mais rápido que o período da Segunda Guerra Mundial, porém o cotidiano da cidade continuava tranqüilo.

Essa tranqüilidade no cotidiano foi abalada com a crise política de 1954, no período do segundo governo de Vargas, crise que culminou com o suicídio de Getúlio, em agosto de 1954. Os fatos relevantes dessa crise abalaram todo o país, e serviram para mudar toda a estética da política nacional, principalmente após o suicídio.

Após ter servido como base militar para os americanos na Segunda Guerra, a cidade aos poucos ia se adaptando com o aumento da população e a urbanização acelerada. Natal nos anos 50 possuía a mesma tranqüilidade, mas o cotidiano era mais agitado. O lazer da cidade era o cinema Rio Grande e as praias. No entanto, apesar de ter um cotidiano mais agitado, temia-se qualquer reação, por menor que fosse.

O suicídio inesperado de Getúlio também provocou reações em Natal. Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é trabalhar com a reação da cidade ao suicídio, como a notícia foi recebida pela sociedade natalense, considerando a visão dos getulistas, que o admiravam, e dos anti getulistas, que viam em Vargas um ditador.

Baseado em depoimentos e memórias de natalenses que sentiram aquele momento, torna-se clara a ambigüidade de Vargas, tanto como pessoa quanto como político hábil que foi. Para os militares daquele período, Vargas ainda hoje é considerado como um ditador; para as classes mais populares, ele sempre foi o “pai dos pobres”.

Em 1951, Getúlio Vargas retorna ao cenário político brasileiro, como presidente da República, eleito pelo voto popular. Depois de passar quinze anos (1930-45) interrompidos no poder e dele se distanciar por quatro anos.

O retorno de Vargas ao poder ocorreu no momento em que os países capitalistas se reorganizavam após o término da Segunda Guerra, tendo em vista os interesses imperialistas e capitalistas das grandes potências, principalmente da norte americana.

Vargas adotou uma política extremamente nacionalista para impedir que o Brasil sofresse interferências tanto do imperialismo quanto da Guerra Fria, que já estava também em plena ascensão.

Nesse sentido, criou a Petrobrás com o intuito de nacionalizar o petróleo, porém essa decisão não agradou aos norte-americanos, e o presidente dos Estados Unidos cancelou o acordo de desenvolvimento assinado com o Brasil em setembro de 1947, no governo de Eurico Gaspar Dutra. Para sustentar seu programa econômico, Getúlio priorizou o movimento trabalhista, e em 1953 nomeou João Goulart como Ministro do Trabalho, que por sua vez reorganizou os sindicatos para que o governo pudesse manipular a massa operária.

Em conjunto com todas essas dificuldades, Vargas enfrentou a oposição cada vez mais violenta dos conservadores, com a liderança de Carlos Lacerda, proprietário do jornal Tribuna da Imprensa. Como anti-getulista, Lacerda procurou identificar o novo governo de Getúlio ao Estado Novo.

As pressões norte americanas aumentaram, sobretudo das empresas petrolíferas.

Em 1954, Carlos Lacerda sofreu um atentado que apesar de não tê-lo prejudicado, resultou na morte do major Rubens Florentino Vaz. O envolvimento de pessoas ligadas à segurança pessoal de Vargas fez com que o exército se colocasse contra o presidente, exigindo a sua renúncia. Não suportando mais as dificuldades e as pressões, Vargas escreve uma carta testamento em 24 de agosto de 1954, e se suicida. . o ato provocou comoção nacional, sentimentos ambíguos. Em Natal os militares foram colocados em estado de alerta, pois se temia uma rebelião. A cidade, apesar de longe do local do acontecimento, também reagiu ao suicídio de Getúlio. Sobre isso, o autor Jorge Ferreira afirma:

Nas capitais nordestinas, como Recife, Salvador, Natal, Fortaleza, Teresina e Aracaju, as cenas de tristeza popular conjugadas ao fechamento do comércio e à suspensão das aulas nos colégios, além dos soldados nas ruas, tornou aquele dia estranho, difícil de ser compreendido e



explicado. passeatas de homenagem e protesto, invasões a residências de políticos da oposição, além de uma profunda mágoa estampada no rosto das pessoas foram cenas comuns.”<sup>35</sup>

Através do depoimento da professora Maria Zélia Pinheiro – admiradora incondicional de Vargas – e do senhor Raimundo Marques de Araújo – militar em Natal no período em que ocorreu o suicídio – será analisado a reação da sociedade natalense à morte do presidente.

Pesquisando sobre a reação dos natalenses ao suicídio de Vargas, conversei com a professora Maria Zélia Pinheiro<sup>36</sup>, atualmente professora aposentada do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em 1954, aos 14 anos de idade, Zélia é desde a adolescência admiradora de Getúlio Vargas. Como ela afirma em sua entrevista, “os anti getulistas se apegam a um Getúlio só... Getúlio foi muitos: foi o Getúlio revolucionário, foi o ditador, foi o pai dos pobres, o populista.”<sup>37</sup>

As memórias da entrevistada demonstram como os getulistas da cidade do Natal definiam a figura de Getúlio, carinhosamente chamado por ela e por todo o Brasil de GG. A cada relato, a entrevistada parecia reviver intensamente aquele momento.

A História Oral tem esse poder de fazer o indivíduo viver um mesmo acontecimento a cada relato. As lembranças despertam emoções, angústias passadas. A memória individual transforma-se, no momento em que é transmitida, em memória coletiva. A entrevista concedida por Profª dona Zélia pode ser comparada ao que diz Jean Duvignaud<sup>38</sup> no prefácio do livro A Memória Coletiva, de Maurice Halbwachs<sup>39</sup>

Maurice Halbwachs evoca o depoimento da testemunha, que só tem sentido em relação a um grupo que ela faz parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum e, através desse evento, depende do contexto de referência no qual atualmente transitam o grupo e o indivíduo que o atesta. (Halbwachs, 2006, p. 12)

<sup>35</sup> FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Vol. 3 pag..314.

<sup>36</sup> Ver anexos: entrevista 1.

<sup>37</sup> Maria Zélia Pinheiro, em entrevista concedida a Autora.

<sup>38</sup> Professor da faculdade de Letras e Ciências Humanas de Orléans - Tours

<sup>39</sup> HAIBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

Dona Zélia pertence ao grupo dos getulistas, por isso atesta com tanta veracidade as características positivas, políticas e pessoais, que faziam de Vargas o grande líder que foi. Sua memória é compartilhada com muitos trabalhadores daquela época, que viam em Getúlio não o ditador, mas o pai dos pobres. Ela viveu o evento do suicídio em comum com uma enorme classe de trabalhadores, não apenas de Natal, mas de todo o país. Cantou as marchinhas que animava a política no período<sup>40</sup>, o que prova que Vargas não era adorado apenas por uma parte do Brasil. Ela se sente ligada a Vargas, e realmente está, pelas lembranças tão nítidas que me relatou..

Na mesma perspectiva, entrevistei o senhor Raimundo Marques de Araújo, que foi militar no período em questão.<sup>41</sup> De respostas curtas, sem o mesmo entusiasmo de dona Zélia, essa entrevista foi fundamental para obter as respostas que procurava nessa pesquisa. Araújo me falou de uma possível rebelião na cidade do Natal, temida pela classe militar. Por esse motivo, os militares foram convocados ao estado de prontidão, por três dias. Dona Zélia relata que não sabia dessa perspectiva dos militares. Tendo em vista as reações nos outros Estados brasileiros, era de se esperar mesmo algum tipo de reação, tendo em vista que a classe militar foi responsabilizada pelo suicídio de Vargas em 1954, por isso se temia uma rebelião popular.

Não apenas os militares, mas os líderes da UDN também foram responsabilizados pelo suicídio, na perspectiva da classe popular do país. Araújo relata que por três dias, os militares tomaram conta da cidade, para evitar qualquer tipo de manifestação. No dia 24 de agosto, ao receber a notícia do suicídio, as aulas foram suspensas, e o comércio fechado. Sobre isso ele diz: passamos três dias de prontidão pensando que ia haver um levante muito grande e um derrame de sangue por conta disso.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Ver anexos: Entrevista 1.

<sup>41</sup> Ver anexos: entrevista 2.

<sup>42</sup> Raimundo Marques de Araújo, em entrevista concedida a autora.

Dois dias antes do suicídio, o jornal Tribuna do Norte, divulgando notícias sobre as tropas do <sup>1</sup>Exército em prontidão em razão da expectativa da renúncia de Vargas, publicou a seguinte manchete na primeira página: “De rigorosa prontidão o exercito: esperada a qualquer momento a eclosão da crise política.”<sup>43</sup>

Na reportagem que se seguia à manchete, encontrava-se o pronunciamento do então governador de Pernambuco - João Cleofas - parabenizando às Forças Armadas pela maneira patriótica que estavam conduzindo às investigações. Então havia sim um temor nacional, de que pudesse ocorrer a qualquer momento um levante.

Comparando as duas entrevistas, é possível analisar os dois lados: os getulistas e os anti-getulistas. É nesse aspecto que se verifica a ambigüidade da figura de Vargas como político. Afinal, o que ele representava para cada uma dessas classes? como foi recebida a notícia do suicídio por ambos os lados? enquanto alguns choravam, os militares já estavam a postos, para agir e intervir a qualquer momento. No entanto, a rebelião não ocorreu, porém a tristeza, o desespero de quem viveu esse momento e gostava de Vargas, era vivo, estava ali, aos olhos de todos que temiam o levante.

Quando perguntei quem queria fazer o levante, Araujo foi enfático: a população e os civis, porque os militares tinham obrigado Getulio a deixar o poder. Por isso que os militares ficaram aquartelados esperando um levante.

Após a notícia do suicídio, Natal parou. As pessoas receberam o comunicado através do rádio, no mesmo dia em que ocorreu o acontecimento. Segundo Zélia o suicídio ocorreu às 7h 40 horas da manhã, e às 8:30 horas o Brasil inteiro já chorava ou temia pela perda do presidente. Houve grande agitação na cidade, muitos choravam desesperadamente, os carros e as motos apitavam nas ruas, as pessoas paravam para ouvir através do radio a carta de despedida do presidente. Porém não houve atos de vandalismo na cidade, segundo Zélia.

---

<sup>43</sup> Tribuna do Norte, 22 de agosto de 1954.

Perguntei-lhe se houve notícias no período de possíveis revoltas na cidade, mas ela disse que não sabia. A população sentiu muito, mas não houve atos violentos, como no Rio de Janeiro. A professora relata minuciosamente suas memórias, e se emociona a cada relato.

Ao falar sobre os lugares da memória, Pierre Nora diz que Memória e História não são sinônimos, pelo contrário, são opostas.

...A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações... A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais...a História, uma representação do passado.<sup>44</sup>

Comparo o conceito de Nora com o que foi dito por Maria Zélia: “enquanto eu viver, o getulismo não morre.”<sup>45</sup> A história torna-se problemática a partir do momento que procuramos entender ou até mesmo julgar as memórias individuais ou coletivas. Memória envolve sentimento, enquanto História requer investigação, e até mesmo imparcialidade.

Ao ouvir Araujo relatando sobre o levante que poderia ter ocorrido e não ocorreu, percebi que isso realmente aconteceu -a espera do levante popular pelos militares- devido a uma brusca mudança no cotidiano da cidade. Nesse sentido, concordo com Nora, porque estou analisando com os olhos da História. Mas e quem temeu pelo levante – como Araujo e seus colegas militares- teriam condições de perceber essa quebra rápida no cotidiano? Claro que não. As memórias transmitem sentimentos ambíguos. O amor, a raiva, ou o temor que se tinha pela figura de Vargas é proveniente da memória que cada grupo guarda daquele período. A História transmite o que as memórias revelam sentir.

Após as entrevistas, analisei as notícias dos jornais da época para verificar o que foi dito pelos entrevistados. A maior surpresa foi ver que as manchetes não eram sobre o suicídio,

---

<sup>44</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. Proj. História, São Paulo.(10)

<sup>45</sup> Ver anexos: entrevista I.

e sim sobre a ascensão de Café Filho, vice presidente e norte rio grandense, à presidência do país. Com a morte de Vargas, Café Filho assumiu a presidência, e tornou-se manchete nos principais jornais da cidade do Natal. Apenas a Tribuna do Norte noticiou o suicídio como manchete<sup>46</sup>, mas não deixou de enfatizar o posicionamento de Café Filho, que estava cauteloso e não comentava sobre sua possível ascensão. O Jornal de Natal publicou um pequeno trecho da carta testamento, e utilizou como manchete a ascensão de Café Filho. A República colocou a seguinte manchete: “CAFÉ FILHO NA PRESIDENCIA”<sup>47</sup>. Porém, não foi feita nenhuma alusão à reação das pessoas da cidade. Apenas a publicação de trechos da carta testamento. Fez-se alusão as tropas militares nas ruas de todo país, principalmente no Rio de Janeiro. Não citou sequer o encerramento das aulas.

Isso faz pensar que a rebelião não era temida por populares, e sim apenas pela classe militar da cidade. Mas afinal, o que foi mais importante, o suicídio de Vargas ou a ascensão de Café Filho como presidente da nação? Foi realmente estranho o suicídio de Vargas, e surpreendeu até mesmo a imprensa de todo o país. Enquanto os demais estados noticiavam o suicídio, Natal noticiava que Café Filho ia ser presidente da república. Mas não é por isso que devem ser descartados os relatos dos entrevistados. Era mais importante para imprensa da cidade do Natal explorar algo que ainda iria acontecer, porque Vargas já estava morto, mas um natalense iria assumir seu posto.

O cotidiano da cidade de Natal mudou realmente após o suicídio de Vargas, assim como mudou todo o país. As pessoas sentiram a morte do seu presidente a ponto de sempre comparar com ele aqueles que ocuparam seu lugar. Natal recebia a industrialização trazida pela década de 50, acelerando a modernização da cidade e tornando Natal mais agradável para se viver. Maria Zélia afirma que após a morte do presidente a política seguiu de forma estranha, tanto em Natal como no resto do país. As pessoas seguiam alheias as transformações

---

<sup>46</sup> Jornal Tribuna do Norte, 24 de agosto de 1954.

<sup>47</sup> Jornal A Republica, 24 agosto de 1954.

que aconteciam. Raimundo Marques também observa as transformações dos anos 50. os automóveis iam dando ares de modernidade às ruas, a cidade continuou sua rotina, depois do impacto e da dor da perda do grande líder nacional. Agora, cinqüenta e cinco anos depois, ainda há quem se lamente bem mais pela morte de Getúlio, ou GG, do que pela lentidão que as coisas ocorriam na cidade naquele período. Mas é bom lembrar que considerando o período, as mudanças chegaram rápido demais. Muito mais que entrar na História, como Vargas escreveu em sua carta testamento, ele permaneceu vivo, eternizado, na memória.

## CAPÍTULO 3

### Natal após o suicídio de Vargas:

As expectativas para a administração de Café Filho e a organização do novo espaço político

Após o suicídio de Vargas o Brasil enfrentou uma grave crise política, tendo em vista que o tiro no peito do presidente resultou em grandes expectativas, principalmente para o povo de Natal, que viu seu conterrâneo João Café Filho assumir a presidência. Eram grandes as expectativas em torno do novo comandante da nação.

João Café Filho destacou-se por ser o fundador do PSP( Partido Social Progressista) no Rio Grande do Norte, logo após a deposição de Vargas, em 1945. Foi o iniciador do populismo no Estado, por não ter se enquadrado em nenhum dos outros partidos fundados também no período de redemocratização. Tornou-se Deputado Federal em 1947, consolidando-se, dessa forma, na política nacional.

Em 1950, concorreu à vice-presidência ao lado de Getúlio Vargas e foi eleito. Após o suicídio de Vargas, como vice-presidente, assumiu a presidência da República, governando até 1955. Os anos 50 foram marcados pelo fenômeno do populismo, modelo político que aliava o poder às classes sociais, e estava ligado ao avanço do sistema capitalista. Daí a grande popularidade de Café Filho.

Em 1955 foi indicado por Sylvio Pedroza para ser o novo governador do Rio Grande do Norte, nas eleições de 1955. sobre isso, Luis Eduardo Suassuna afirma:

Sylvio Pedroza...chegou a apresentar proposta indicando-o para seu substituto nas eleições de 1955 para o governo do Estado. Essa proposta provocou tão seria crise no PSD, que a idéia foi esquecida e amis uma vez Café Filho viu desaparecer o sonho de governar o Estado.<sup>48</sup>

Como presidente da República, Café Filho aproximou-se dos ideais udenistas, decepcionando as expectativas dos getulistas natalenses. O povo esperava uma grande

---

<sup>48</sup> MARIZ, Marlene da Silva. SUASSUNA, Luiz Eduardo B. Historia do Rio Grande do Norte. Natal, Sebo Vermelho, 2005.

administração, principalmente para a cidade do Natal, apesar do pouco tempo em que ele permaneceu na presidência, tendo em vista a aproximação entre ele e o governador do Estado, Sylvio Pedroza. Mas, como afirmou dona Zélia, após a morte de Vargas a política seguia de forma estranha, e as pessoas pareciam alheias ao que estava acontecendo.

No Rio de Janeiro, falava-se nas piadas da época, e esses comentários foram citados na entrevista que Zélia Pinheiro me concedeu. Havia uma piada que dizia que quando alguém chegava nos restaurantes ou em qualquer lugar perguntava: Tem café? Recebia a seguinte resposta: não, mas tem banana, que é a mesma coisa.<sup>49</sup>

A aproximação de Café Filho com a UDN ocorreu até mesmo antes do suicídio de Vargas. Em 1954, veio ao Rio Grande do Norte – ainda como vice presidente – para unir-se ao PSD e à UDN para apresentar uma chapa única com os candidatos Georgino Avelino ( do PSD) e Dinarte de Medeiros Mariz ( da UDN) para representar o Estado no Senado. Os dois candidatos propostos foram eleitos.

Nas eleições para governo do Estado em 1955, foram eleitos Dinarte Mariz para o governo e José Augusto Varela como vice-governador, através da coligação UDN/PSP e PPC (Partido Progressista Cristão), que era uma dissidência do PSD. Era a chapa apoiada por Café Filho.

Após a morte de Vargas, o Rio Grande do Norte sofreu uma brusca mudança na política local. Os partidos políticos perderam sua identidade, sua ideologia, e partiram para o jogo das coligações. Essa crise afetou todo o país, mas no Estado teve um fator agravante: as eleições realizadas em 1955 representou a definição de novas posições no comando do Rio Grande do Norte. Suassuna afirma:

---

<sup>49</sup> Ver anexos: entrevista 1.



“Dinarte Mariz representava a região do Seridó, e dava continuidade à liderança de seu avô materno, Senador José Bernardo d Medeiros ( início da republica) e José Augusto Bezerra de Medeiros”( SUASSUNA, 2005).

O candidato apoiado pelo grupo dos Rosados, Jocelin Vilar de Melo, perdeu para Dinarte Mariz. Essa eleição representou o confronto entre dois grupos fortes, representantes de duas regiões importantíssimas para a economia do Estado: o Seridó e o Oeste. A vitória de Dinarte Mariz e seu vice representou também o comando da UDN na política norte rio grandense.

Destacava-se em Natal nesse período a participação do cafeísmo, ou seja, os líderes representantes do populismo de Café Filho. Djalma Maranhão, Oliveira Junior e Leonardo Bezerra eram os principais representantes. A aliança entre os cafeistas e Dinarte Mariz ajudou para que Djalma Maranhão fosse eleito para prefeito de Natal em 1956. Em 1959, rompeu com o governo do Estado para apoiar a candidatura de Aluizio Alves.( SUASSUNA, 2005.).

Após o suicídio em 1954, a imprensa natalense voltou-se exclusivamente para a ascensão de Café Filho como presidente, mas alguns jornais falavam ainda no suicídio, mesmo depois do dia 24 de agosto. Foi como um impulso: no dia do suicídio noticiava-se que Café Filho iria ser o novo presidente. Passado o impacto, aí sim começaram as especulações sobre o que havia acontecido para que Vargas tivesse cometido o suicídio.

No dia 24 de agosto o jornal Tribuna do Norte publicou a carta que Café Filho enviou a Adhemar de Barros no dia 21 de agosto, lamentando-se pelos últimos acontecimentos e pedindo o apoio do amigo para enfrentar os tempos de crise. Sobre a carta testamento que Vargas escreveu para o povo brasileiro, o jornal se remete ao bilhete escrito antes do suicídio. Alias todos os jornais pesquisados falam pouco sobre a carta de despedida de Vargas. As pessoas de natal escutaram a transmissão da carta através da rádio Nacional, porque os jornais publicaram apenas alguns trechos, e mesmo assim muito pequenos.

Apenas no dia 30 de agosto o mesmo jornal publicou uma entrevista da filha de Getúlio, a senhora Alzira Vargas, concedida no Rio de Janeiro ao jornal Última Hora, esclarecendo que o bilhete de despedida teria sido escrito provavelmente uma semana antes da morte de seu pai. Segundo Alzira, ao arrumar a escrivaninha de Vargas encontrou uma folha que estava escrita nos seguintes termos:

“A sanha de meus inimigos deixo o legado da minha morte. Levo o pesar de não ter feito pelos humildes tudo o que desejava.”<sup>50</sup>

Segundo Alzira, interrogou seu pai sobre <sup>51</sup>esse bilhete, mas ele a tranquilizou, dizendo não ser nada que a preocupasse.

Isso demonstra que a idéia do suicídio já vinha de algum tempo. Foi um ato premeditado por Vargas, e não uma atitude de relance, tomada no momento de desespero. A carta já estava escrita, prova disso é que na última reunião com seus ministros ele entrega uma cópia da carta a João Goulart- que era ministro do trabalho- e pede para que ele volte para o Rio Grande do Sul. Após o suicídio, João Goulart percebeu que naquele envelope estava as últimas palavras escritas por Vargas.

A carta testamento não representou para o povo a despedida de um suicida, e sim a criação de um mito, pois foi nisso que Vargas se transformou ao longo da História. Deu ainda a certeza de que ele não tinha sido assassinado pelos seus inimigos, embora o povo tenha culpado os udenistas pela morte de seu presidente. O suicídio foi visto como um ato de redenção. Sobre isso, Boris Fausto afirma:

“A carta testamento eliminou na imaginação popular a possibilidade , com tanta frequência levantada em outras situações, de que o líder dos humildes tivesse sido assassinado pelos poderosos. Mas indiretamente eles foram taxados de criminosos, pois havia m encurralado Getulio de todas as formas, levando-o ao suicídio.”

<sup>50</sup> Jornal Tribuna do Norte, 30 de agosto de 1954.

<sup>51</sup> Fausto, Boris. Getúlio Vargas: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.196.

Muito além do sentimento e revolta popular causados pelo suicídio, a crise política que afetava o país permaneceu muito além do ano de 1954. Os Udenistas subiram ao poder junto com Café Filho, e em 1955, ano de eleições presidenciais, tentaram implantar um golpe para que as eleições não ocorressem, tendo em vista que os candidatos da ala trabalhista estavam cotados para ganhar as eleições. Juscelino Kubstec e João Goulart, candidatos a presidente e vice-presidente, respectivamente, tiveram que enfrentar uma longa e acirrada disputa para garantir a legalidade. ( FERREIRA, 2008, p.318).

Os udenistas atacavam junto com o grupo dos civis militares, voltando-se principalmente para João Goulart, que havia sido ministro do trabalho do segundo governo Vargas. As acusações eram muito sérias. Carlos Lacerda acusou Goulart de compra ilegal de armas, além de outras acusações. O objetivo era acabar com a reputação de Goulart para impedir as eleições de 03 de outubro de 1955.

As eleições ocorreram, e mesmo com todas as denúncias, Juscelino conseguiu a vitória. Começava agora para a UDN uma nova batalha: a tentativa de anular as eleições, alegando fraudes eleitorais. Isso só teve um fim quando, em outubro, o General Maurell Filho concluiu que as denúncias contra João Goulart eram falsas.

Enquanto isso no Rio Grande do Norte o pleito eleitoral seguia normalmente. A chapa Dinarte – Varela continuava firme, ao contrario do que pensava seus adversários. A campanha política no Rio Grande do Norte começou a esquentar no mês de junho de 1955, quando Dinarte Mariz e Jose Varela passaram a percorrer o Estado fazendo comícios, inclusive na região Oeste, onde se apoiava o adversário Jocelin Vilar. A UDN ganhava espaço na política estadual.

O jornal Tribuna do Norte do dia 06 de agosto de 1955 publicou a seguinte manchete:

“Solidariedade do Oeste a Dinarte Mariz e José Varela: bem impressionados os líderes que retornam do interior – dezesseis municípios foram visitados pela caravana.”

Os jornais sequer falavam no nome de Jocelin Vilar de Melo, apoiado pelo grupo dos Rosados de Mossoró. A vitória de Dinarte Mariz e Jose Varela já estava sendo noticiada devido ao grande êxito dos comícios.

Os comícios também ocorreram em Natal. No dia 03 de setembro, ocorreu um grande comício na cidade, em frente à rádio Nordeste. A imprensa parecia apoiar a candidatura de Dinarte, pois a ele só se referia como “o futuro governador do Rio Grande do Norte”. Dinarte desembarcou em Natal no dia 03, e foi recebido pelo povo da capital e dos interiores vizinhos, e junto com seus correligionários realizou o comício, que reuniu uma grande multidão<sup>52</sup>. Além do comício houve um cortejo pelas ruas da cidade, começando de Parnamirim onde desembarcou o Senador e seguindo pelas ruas até a Rádio Nordeste, onde foi realizado o comício.

Após esse comício, iniciou-se novamente a grande arrancada da Frente Popular Democrática pelos municípios do Estado<sup>53</sup>. A intenção era atingir todas as cidades do Rio Grande do Norte. Pelo roteiro, Dinarte Mariz e José Varela chegaram a percorrer quatro municípios em um único dia, realizando os comícios.

Percebe-se que se tratava de uma política agitada, apesar da certeza da vitória do senador Dinarte Mariz. Em hipótese alguma, a Tribuna do Norte anunciou um comício de Jocelin Vilar. As notícias dos comícios eram extremamente tendenciosas.

Com tanto sucesso, não demorou muito para que ocorressem as adesões políticas para Dinarte e José Varela. O PTB de Macau anunciou sua adesão no comício realizado na cidade, em 08 de setembro, através de u, telegrama enviado pelo presidente do partido, Venâncio Zacarias. Havia uma perspectiva de grande vitória.

E foi assim que Dinarte Mariz e José Varela venceram as eleições de 03 de outubro para governo do Rio Grande do Norte. Aos poucos os espaços políticos iam sendo ocupados,

<sup>52</sup> Tribuna do Norte, 04 de setembro de 1955.

<sup>53</sup> Tribuna do Norte, 06 de setembro de 1955.

e a crise política após a morte de Vargas estava sendo contornada aqui no Estado. Dinarte e José Varela assumiram o governo em 31 de janeiro de 1956 e permaneceram até 1960, conseguindo assim exercer seu mandato sem nenhuma interrupção. Dinarte Mariz em sua administração teve como principal obra a criação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1958.

Natal se adequava outra vez ao mesmo cotidiano, que fora quebrado de forma tão brusca com o suicídio de Vargas. A cidade caminhava, mas esquecer o seu presidente morto não era fácil. Até hoje quando se pergunta sobre aquele dia do suicídio quem viveu o acontecimento sempre tem a mesma resposta: foi um dia difícil de entender.

Ainda hoje, cinquenta e cinco anos após o acontecimento, para muitas pessoas ainda é difícil de compreender o motivo do suicídio. E para quem pensa que o getulismo está morto, ainda pode ter grandes surpresas com a História.

## Conclusão

Ao término desse trabalho, descobri quem era o personagem que tanto pesquisei e busquei respostas: Getúlio Dorméles Vargas, homem de vasto sorriso, grande político e hábil na arte de fazer político. Apesar do tiro no peito, ele continua mais vivo do que antes, na memória do povo brasileiro. b

Natal chorou a perda do seu presidente em 1954. Se houve a revolução esperada pelos militares? Não, não houve. Mas houve a comoção de toda sociedade natalense, que desencadeou em uma grave crise política após a morte de Vargas. Como disse Ângela de Castro Gomes: “O suicídio adiou por dez anos o golpe. Se Vargas não tivesse dado um tiro no coração, a conspiração civil-militar que se armava dificilmente seria evitada.” (GOMES, 1994, p.8). A autora está se referindo ao golpe militar. Mas se o golpe foi adiado por dez anos, a crise política que assolava o país logo após o suicídio não pôde esperar pelo golpe militar.

A viagem de Vargas a Natal em 1943 criou um elo na memória dos natalenses. Quando ocorreu o suicídio, muitos ainda lembravam do Getúlio de 1943, sorrindo e acenando para o povo em um desfile de carro pelas ruas da cidade. Percebi isso através das entrevistas, pois logo após relatar sobre o suicídio Zélia Pinheiro relatou sobre a emoção de ter visto Vargas em 1943. Era inconcebível perceber que Getúlio estava morto, depois da cena de simpatia que ele deixou na memórias dos natalenses.

Quando volta ao poder 1951, Vargas já não era mais o ditador que foi deposto em 1945. Ele agora era o pai dos pobres, o defensor das classes trabalhadoras, representado pelo PTB. O PTB era Getúlio Vargas, nos ideais e na composição de partido. Era a representação do movimento queremista, e é por isso que desde sua criação em 1945, aglomerou toda classe trabalhadora do país. Em Natal a classe trabalhadora não era aliada ao PTB, mas também

queria Getúlio na presidência. E finalmente era isso o que importava. Com ou sem o PTB, todos queriam Getúlio.

As machinhas cantadas por Zélia Pinheiro significa que Natal estava imerso no movimento queremista. Apesar de ter sido mais forte no Rio de Janeiro, esse movimento teve grande repercussão em todo país, inclusive em Natal. As eleições de 1950 tiveram um ocasião especial, por que um Natalense assumiu a vice-presidência ao lado de Vargas. Era uma grande honra, apesar de ter decepcionado seu povo, Café Filho provou que Natal não era tão dispersa da política nacional. Estava ali, sempre presente, e Vargas sabia disso. Ele era o presidente da nação, e não apenas do Rio de Janeiro.

A crise que veio com o suicídio só teve fim no ano de 1964, com outra virada na política: o golpe militar. Durante esse dez anos entre o suicídio e o golpe, a política não mais era interessante, tendo em vista que pouco se falava o se compreendia política após a morte de Vargas. Tudo se tornou estranho e era de forma estranha que o povo via seus governantes assumirem o poder. Os jornais falavam sobre política, economia, sucessões presidenciais e de governos estaduais. Mas após o suicídio o povo seguia alheio. Votava em seus candidatos, mas não entendia suas propostas. Até que veio o golpe militar, e o povo passou a entender menos ainda de política.

Atualmente a pergunta que não cala é a seguinte: O Getulismo ainda existe, ou morreu com Vargas em 1954? Como Getúlio é lembrado atualmente? Na minha concepção o Getulismo ainda vive, pelo menos enquanto existir memórias vivas que falam com amor do figura de Vargas, e políticas trabalhistas que fazem voltar à lembrança as leis trabalhistas criadas por Getúlio.

Temos hoje no Brasil um presidente que prioriza a política do trabalhismo, e que constantemente nos faz lembrar da proteção que Vargas proporcionou à classe mais humilde da sociedade. Luís Inácio Lula da Silva traz constantemente a lembrança das políticas

PTB  
PTB

varguistas com seus programas sócias. E apesar da crise política, Lula continua firme no poder, assim como Vargas nos anos 50. Afinal Vargas também manteve – se firme, por que saiu quando morto e nos braços do povo.

Portanto, ao término desse trabalho pude perceber que os vários Getúlios que existiram no passado continuam vivos, nas memórias, nas atitudes dos políticos, nas leis trabalhistas que foram criadas naquele período e existem ainda nos dias atuais. Getúlio sempre será ambíguo, assim como sempre será lembrado e imitado pelos políticos atuais. Como disse Zélia Pinheiro, Vargas foi muitos, e não apenas um. Assim também são as memórias, muitas infindas. E é assim que Vargas permanece: como um mito na memória de seu povo.



## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

### FONTES:

Jornais:

A República, Natal, 1943 – 1954.

A Ordem, Natal, 1954.

Tribuna do Norte, Natal, 1950 – 1956.

Jornal de Natal, Natal, 1954.

### ENTREVISTAS:

Maria Zélia Pinheiro. Professora aposentada do curso de Historia da UFRN. 09/07/2008.

Raimundo Marques de Araújo. Militar aposentado. 11/07/2008.

### ENDEREÇO ELETRONICO:

[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)

## BIBLIOGRAFIA

BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. 6ª Ed. São Paulo: Alfa - Omega, 1991.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade de Natal. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

D'ARAUJO, Maria Celina. O Segundo governo Vargas. 1951 – 1954. Democracia, partidos e crise política. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1992.

FAUSTO, Boris. Getulio Vargas: o poder e sorriso. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. História do Brasil. 12ª Ed.2. reimpr. São Paulo: EDUSP. 2007.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). O Brasil Republicando: o tempo da experiência democrática. 2ª Ed. V.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Getulio Vargas: uma memória em disputa. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 16f.

GOMES, Ângela de Castro (org). Vargas e a crise dos anos 50. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. Uma breve historia do PTB. Rio de Janeiro: CPDOC, 2002. 13f.

\_\_\_\_\_. Política: historia ciência, cultura etc. Estudos Históricos – Historiografia, Rio de Janeiro, V. 9, Nº 17, p. 59-84, 1996.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HEYMAN, Luciana. O legado do Estado Novo. Rio de Janeiro: CPDOC, 2007. 9f.

\_\_\_\_\_. Cinquenta anos sem Vargas: reflexões acerca da construção de um “legado”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004.

MALAN, Pedro Sampaio. Relações econômicas internacionais do Brasil (1945 - 1964).

FAUSTO, Boris. (org). In: Historia Geral da Civilização Brasileira. 2ª Ed. V.4. São Paulo: EDIFEL, 1986. P.70 – 77.

NORA, Pierre. Entre memória e historia: a problemática dos lugares. Projeto Historia. São Paulo (10). Dez. 1993.

SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão; MARIZ, Marlene da Silva. Historia do Ria Grande do Norte. 2ª Ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

**ANEXOS:**

## ENTREVISTA 1

**Identificação da entrevistada:** Maria Zélia Pinheiro, natalense, professora aposentada do Departamento de História da UFRN. Durante o período que esteve no Departamento, ensinou a disciplina História do Brasil.

**Data e local da entrevista:** 09 de junho de 2008, na casa da depoente. Acasa fica na rua São José, em Lagoa Nova / Natal.

**Razão da entrevista:** A depoente tinha 14 anos quando Getúlio Vargas suicidou-se. Admiradora convicta de Vargas, a depoente relata o que sentiu com a perda do seu grande líder, seu personagem preferido na História do Brasil. A depoente afirma que as músicas da campanha de Vargas lhe serviram como canção de ninar.

### Entrevista:

**Lidianny:** Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a atenção com que está me recebendo em sua casa.

Estou realizando uma pesquisa sobre a reação dos natalenses com o suicídio de Vargas, ou seja, quero saber quais as possíveis reações na cidade diante do acontecimento. Como a senhora viveu esse período? O que foi viver em Natal nessa época?

**Zélia:** A crise de 1954, que levou Getúlio (meu personagem predileto na História do Brasil) ao suicídio, aconteceu principalmente porque ele nunca foi acostumado com oposição. A trajetória de Vargas na Presidência revela bem essa ausência de oposição: inicialmente ele chegou à Presidência por meio da Revolução de 30, com raras vozes discordante; depois governou constitucionalmente de 1934 a 1937, mas chegou ao poder pelo voto indireto, sem embates políticos; em 1937, passou a comandar o Estado Novo. Ele nunca ele tinha encontrado oposição.

Essa situação foi modificada, em 1950, quando voltou ao poder “nos braços do povo”, como ele mesmo escreveu na “Carta-testamento”. Em 1950 Getúlio precisou

ser diferente. Ele tinha que enfrentar uma coisa realmente estranha para a sua vida política. É aí que surge o meu personagem mais detestado na História, que é o jornalista Carlos Lacerda. É aí que começa a oposição. Foi Lacerda quem começou uma oposição severa contra Getúlio.

Naquela época não havia nenhum jornal que defendesse Getúlio. Foi por isso que Samuel Wainer, um jornalista de origem judaica ligado a Getúlio, fundou o jornal *A Última Hora* com o objetivo de se contrapor ao jornal *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda.

Aliás, o secretário geral da Tribuna da Imprensa era Aluisio Alves, que mais tarde tornou-se governador do Rio Grande do Norte. Aluisio na época era jornalista no Rio de Janeiro. Eu nunca perdoei Aluisio Alves pelo que ele fez com Getúlio. Reagi muito antes de votar em Aluisio, pois uma pessoa que tinha sido secretário do jornal de Carlos Lacerda para mim não prestava.

**Lidianny:** Nessa época, Aluisio já era uma figura popular no Rio Grande do Norte?

**Zélia:** Sim. Aluisio já era muito popular. Não era ainda aquela figura que eclodiu em 1960, mas era uma pessoa que se destacava como orador, como participante de movimentos. Claro que Aluisio não era como Café Filho, que foi ligado sindicalista. Aluisio era outro tipo de liderança e estava vinculado ao movimento estudantil. Era um líder estudantil, era uma liderança intelectual. Café Filho era um líder de ação, ligado aos sindicatos mesmo.

Mas voltemos à crise que levou ao suicídio de Vargas.

Então, Carlos Lacerda começou a divulgar que Getúlio havia favorecido Samuel Wainer, por intermédio do Banco do Brasil, com um empréstimo para o jornal. Naquela época, os militares andavam muito descontentes com o governo de Getúlio. Eles não gostavam de ver aquele ditador aos poucos voltando e dando uma guinada de nacionalização. O lema ‘ O Petróleo é Nosso’, por exemplo, deu um tom nacionalista muito forte.

**Lidianny:** Esse descontentamento dos militantes com Vargas estava relacionado com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial? Com a pressão dos Estados Unidos? Com a contradição entre a posição do Brasil no plano político interno e externo?

**Zélia:** Exatamente. Hoje nós sabemos que o Brasil entrou na Guerra para barganhar.

O que fez o Brasil entrar na Segunda Guerra foi a garantia dada a Getúlio de que os Estados Unidos ajudariam no financiamento da usina de Volta Redonda. Foi a segurança dada pelos norte-americanos que determinaram a decisão de Getúlio.

Inclusive houve um famoso encontro aqui em Natal entre Rossvelt e Getúlio para formalizar a aliança. Aliás, esse tema está no filme *For All*. O filme não explora muito o tema, mas mostra a presença de Getúlio em Natal.

Então, como eu ia dizendo, Getúlio começou a enfrentar a oposição. 1954 era um momento bem diferente de 1930. Getúlio em 1930 era o revolucionário, era o gaúcho corajoso que enfrentava um homem mais velho. Em 1954 as críticas eram muitas, era alguém que permanecia no poder há anos. Foi aí que começaram as intrigas, inclusive intrigas palacianas, intrigas dentro do Catete.

Nesse contexto dos anos 1950, em que a oposição a Vargas se fortalecia, surge um episódio que envolve um homem de confiança de Getúlio. Se você olhar uma fotografia de Getúlio perceberá que sempre existe um homem atrás dele. É muito difícil uma fotografia de Getúlio daquela época que não tenha esse homem. Eu tinha até uma original dessas, que uma pessoa tinha me dado. Não lembro onde ela está.

Pois bem, essa figura que aparecia sempre atrás de Getúlio era Gregório Fortunato, o chamado “anjo negro” da vida de Getúlio. Onde Getúlio estava, estava também Fortunato. Getúlio era baixinho (se não me engano era de 1,56m), era bem baixinho mesmo. Gregório era tipo negão mesmo (risos). Era aquele negão com cerca de 1,90m de altura. Era um homem bem alto e bem escuro mesmo. Era uma coisa engraçada a presença de Gregório perto de Getúlio, era realmente interessante

Fortunato era chefe da Guarda Pessoal de Getúlio, cargo que oficialmente nem existia. Levando a sério sua função, Gregório ficou desesperado quando ouviu, por parte de pessoas que faziam as intrigas palacianas, que iriam matar Getúlio. Fortunato então pensou: antes de matarem Getúlio, eu mato que quer matá-lo.

Diziam que a UDN tinha tudo para derrubar Getúlio, que tinha uma trama toda articulada e só faltava um cadáver para haver um drama maior.

Claro que ninguém esperava que o cadáver fosse ser o de Getúlio. Tinha que haver um fato, mas ninguém imaginava que o fato seria Vargas.

A história do suicídio de Vargas começa quando a Aeronáutica resolveu defender Carlos Lacerda e apurar a responsabilidade da morte de Major Vaz. A

Aeronáutica fez um processo a parte no Galeão, que é onde ficava a Aeronáutica. Ficou conhecido na História como A República do Galeão. O atentado contra o Major Vaz prejudicou Getúlio, que começa a se sentir inseguro.

Tudo aconteceu porque Lacerda anunciou que estava sendo ameaçado e a Aeronáutica prontamente se colocou à disposição para protegê-lo. Então

Numa noite, Carlos Lacerda voltava de uma palestra.

Eu gostaria de abrir uma parêntese para dizer que Lacerda era um irresponsável. Imagine que ele sabendo que estava sendo ameaçado de morte, resolveu levar o filho de 14 anos de idade para acompanhá-lo numa palestra a noite.

Bom, retomando o assunto...

Para essa palestra Lacerda foi protegido pelo Major da Aeronáutica Rubem Florentino Vaz. Quando Lacerda estava voltando da palestra atiraram na direção dele, mas o tiro atingiu o Major. Carlos Lacerda ainda se meteu e conseguiu levar um tiro no pé. Eu não sei realmente existiu esse tiro no pé de Lacerda. Muita gente duvida que Lacerda foi ferido. O que se sabe é que Lacerda apareceu, com o pé todo enfaixado, no enterro do Major Vaz. Foi esse episódio que fez as coisas no catete começam a pegar fogo

Inclusive, durante muito tempo, a rua em que aconteceu o crime deixou de ser Rua Toneleiros e passou a ser rua Major Vaz. Como esse nome nunca ganhou popularidade, voltou a ser a rua Toneleiros. Essa rua fica logo na saída do túnel de Copacabana. Saindo do túnel você avista logo.

A morte foi o que ele ganhou o Major por se meter onde não era chamado. (risos). Nem o nome dele ficou na rua.

O crime gerou muita confusão. Pessoas da família de Getúlio passaram a ser envolvidas no atentado. Dizem até que Getúlio teria dito a famosa frase: “Tenho a impressão de estar sobre o mar de lama.” Pressionado, Getúlio se predispõe a se afastar do Governo para que fosse julgado.

Enquanto isso, Gregório Fortunato passou a se maldiz até a alma porque ao invés de ele mesmo ir atirar, resolveu contratar um compadre, Altino, e esse chamou uma terceira pessoa, Climério, para atirar. Para Gregório, Climério não só atirou no homem errado, como ainda atingiu apenas o pé do homem certo. A raiva dele todinha era porque devia ter ido e não ter confiado a ninguém. Porque ele achava que se tivesse atirado, não teria tido tantos problemas.

**Lidianny:** Então o crime foi realizado por uma pessoa ligada à Getúlio, mas não tem nenhuma relação com Getúlio.

**Zélia:** Exatamente!

A imprensa lacerdista insistia que houve um complô da família. Dizia-se que estavam envolvidos Alzira Vargas (filha e secretária de Vargas), Tancredo Neves (então ministro da justiça extremamente ligado a ele) e João Goulart (ministro de trabalho, jovem político da mesma terra de Getúlio, São Borja, também muito ligado a Getúlio).

Por falar em Goulart, eu tenho uma Glória pra dizer: João Goulart esteve aqui em Natal quando ministro do trabalho. Eu devia ter 13 anos e morava na Avenida Rio Branco.

Bem, ia ter um grande comício lá no Alecrim, na Praça Gentil Ferreira, com a presença de Goulart. Se eu dissesse a mamãe que ia parta o Alecrim ver o comício de Jango, ela não ia deixar porque Jango na visão de mamãe era comunista, e comunista pra mamãe era uma coisa horrível. Comunista era muito mal visto naquela época.

Sabe o que foi que eu fiz? Fugir de casa (risos. Fugir de casa aos 13 anos, você acredita?

Tomei um bonde e fui bater na praça Gentil Ferreira, sozinha, naquela época não tinha perigo. Era acostumada a ir só pro colégio Das Neves, porque então eu não podia andar mais um pouquinho? Uma coisa muito mais importante para mim era assistir o comício.

Menina....

Eu pulava, corria, devo ter chamado a atenção. Imagine uma menina magricelazinha, de 13 pra 14 anos, pinotando no meio dos trabalhadores. Depois que vi Jango fiquei muito satisfeita. Quando cheguei em casa contei a mamãe. “Mamãe a senhora sabe de onde eu venho?” Fui à Praça Gentil Ferreira assistir o comício de Jango. Aí mamãe Colocou a mão na cabeça, bem ao estilo da época, e disse: Meu Deus, eu tenho uma filha comunista. ( risos ). Fui tachada de comunista, mas vou lhe dizer uma coisa: eu fui a comunista mais feliz que já teve até hoje. ( risos ).

**Lidianny:** Em 1953 Getúlio foi pressionado por ter convidado Jango para ser ministro do trabalho? Havia algum questionamento sobre o fato de Getúlio haver condenado o



partido comunista em 1930 e agora nomear alguém com idéias de esquerda para o seu ministério?

**Zélia:** Falavam sobre essas pressões.

Jango no Ministério foi logo envolvido com polêmica em torno do salário mínimo. Depois diziam muito que Jango era “pelego”, que era um agente do governo, infiltrado no sindicato para fazer complô com o governo. Isso é a acusação que fazem a Jango.

**Lidianny:** Continue a contar os preparativos de Getúlio para a renúncia.

Zélia: Então, Getúlio faz a ultima reunião com os ministros tentando se licenciar. Na sua ausência Café Filho governaria, e o caso seria apurado. Uma vez provada a ausência de culpa, se ocorresse isso, ele voltaria a governar. Então ele faz aquela ultima reunião dos ministros que aparece muito nos documentários sobre Getúlio. Conta-se na ocasião que ele chegou perto de Jango - ele tratava por Janguinho - e disse, aí ele entregou uma carta, botou no bolso do paletó dele e disse: Jango, Janguinho – eu ainda hoje me arrepio todinha quando falo nisso – Janguinho guarde isso aí se alguma coisa acontecer comigo, agora você procure um avião de carreira – pra não sair no avião de linha e nem em avião do governo – e volte lá pro Rio Grande, porque depois de mim essa canalha quer botar as mãos em cima de você. Jango não deu a devida importância tanto que continuou lá, e aquele papel no caso já era a carta. Aí Getúlio vai se deitar, a filha dele de manha muito cedo avisa que o exercito tinha ficado contra o licenciamento dele e que ele tinha que renunciar. Aí quando dá 7: 40horas da manha se ouve um tiro e Getúlio teria posto fim a crise.

E isso aí a reação do Brasil inteiro, aqui em Natal também houve apito de carro, aquela coisa, mais tem uma coisa até poucos instantes as pessoas mesmo getulistas de carteirinha, jovens getulistas, é... (silêncio) já estavam desconfiadas com a História do avião. Quando há essa virada de Getúlio de aparecer o cadáver que iria dar inicio ao movimento, para oposição aquele cadáver era outro, pelo contrário, aquele cadáver era de Getúlio. O que moveu o suicídio, a comoção do público, os cinemas passaram muito, nos noticiários também, olhe mostrando a expressão de dor do público o povo saiu quebrando, acabando com tudo, quebraram jornal, quebraram a Tribuna da Imprensa. E o que foi que fizeram os Udenistas, Carlos Lacerda? Ora, se esconderam

em navio americano sumiram do Rio de Janeiro. Agora eu me lembro nunca me esqueci até hoje. Nessa época eu estudava no colégio da Conceição e tinha ido até pra aula, né? Quando no meio da aula fala que o presidente tinha se suicidado, a cidade estava agitada, e era bom que todos fossem para suas casas. Quando disseram assim faleceu o presidente Getúlio Vargas o berro (risos) que eu dei, eu caí no pranto em plena aula, e aquela roda em torno de mim, parecia até que era no mínimo Alzira Vargas, a filha de Getúlio. Mas olhe eu chorava tanto, e as meninas da sala... olhe eu brigava muito por política, e brigava de tapa. Por Getúlio e Carlos Lacerda eu brigava de tapa. Aí eu vim chorando olhe eu não me esqueço nunca, eu tenho uma memória boa, eu vim do Colégio da Conceição chorando, um grupo de meninas vieram me deixar em casa. Parecia um velório, eu chorando e as meninas atrás uma segurando minha bolsa, outra trazendo o resto das coisas, e eu com as mãos assim chorando, e duas me segurando.”

**Lidianny:** A senhora tinha 14 anos?

**Zélia:** Sim, 14 anos de idade.

**Lidianny:** “ Quanto tempo demorou para a notícia chegar até a cidade?”

**Zélia:** “ Foi logo. Já havia o Repórter Esso, nesse tempo não havia televisão mas havia o radio. Ele morreu 7:40horas, então a notícia chegou umas 8:40horas. Foi até com uma certa rapidez se considerar que às vezes demorava a chegar as noticias. Mas todo mundo aqui assistia noticiário.”

**Lidianny:** A senhora, por acaso, ouviu falar na época se estava planejada alguma rebelião popular na cidade?

**Zélia:** Não, eu não me lembro disso. Eu me lembro que houve muita agitação na cidade muita insegurança, os quartéis ficaram de prontidão e aí foi quando eu aprendi que era quartel de prontidão, muito choro, muito grito e muito protesto, aqui em Natal. Exatamente foi por conta disso que as freiras do Colégio da Conceição mandaram os alunos ir pra casa, era devido a insegurança. Eu me lembro do Exército de prontidão, agora no resto do Brasil houve quebra-quebra, mas aqui em Natal não. Só choro muito choro daqueles que gostavam de Getúlio.”

**Lidianny:** A senhora lembra quem era o governador da época?

**Zélia:** Olhe, eu não sei se era Zé Varela.

**Lidianny:** Ele apoiava Getúlio?

**Zélia:** Ele era PSD, era coligado. Eu não tenho certeza se o governador era coligado. Ou era Dix-Sept-Rosado, eu não tô certa . Diga a Nonato que a minha memória falhou (risos). É porque eu era tão concentrada em Getúlio, olhe eu era uma menina muito besta, quando é que uma menina de 12, 13 anos antes viver lendo noticiário político, eu lia O Cruzeiro. Tinha uma sessão: Política, eu abria. Mas isso tem sua origem, viu? Meu pai era extremamente getulista. Eu fui a última filha de dois casamentos, papai ficou viúvo com quatro filhas e eu era a mais nova do segundo casamento. Então eu era o ‘O fim de carreira’(risos), e papai era muito getulista. Nessa época se cantava pra botar a criança pra dormir, e eu adormeci muitas vezes com ele cantando:

Getúlio Vargas, o gaúcho forte  
João Pessoa herói do Norte  
Vamos mostrar ao Macaé de fraque (Washington Luís)  
Que aquele cavanhaque  
Nunca teve sorte.

Isso na campanha de 30. Desde os meus três anos ouvindo isso, assim:

João Pessoa, João Pessoa  
Bravo filho do sertão  
Todo povo, quer agora,  
A sua ressurreição.

Porque João Pessoa tinha sido candidato com Getúlio. Também há outro fato pitoresco é que mamãe era brigadeirista. Papai getulista e mamãe brigadeirista”.

**Lidianny:** Então está explicado o porquê de ela não deixar a senhora ir para o comício de Jango.

**Zélia:** Eu nem pedi, eu sabia tanto que ela não deixava que eu não pedi, fugi (risos).” Eu sempre tive ódio também do Brigadeiro Eduardo Gomes. Poucos dias antes de Getúlio vir aqui veio o brigadeiro. Ele fez o comício ali onde hoje é a catedral que naquela época era... (pausa) Praça Pio X. Ali era onde acontecia todo o movimento político. E o brigadeiro veio, mamãe era tranqüila e eu também fui lá ver o brigadeiro. Só que eu tive a idéia e quando o brigadeiro passou eu estirei a língua. Humm! Pro brigadeiro. Menina bem educada, menina que eu era de nunca fazer isso com ninguém, mas acontece que eu era moleca (risos) metida a política. Mamãe me deu uma palmada na boca, que ela não era de bater, mas quando ela acabou de bater eu disse: mas estirei (risos). Aí ela disse que quando Getúlio vier aqui você não vai ver. Eu disse: ‘ Vou que eu não vou cegar’. Quando foi perto de Getúlio chegar, olhe eu estava coberta de sarampo. Olhe praga de mãe é uma coisa. Eu estava em um estado tão triste de sarampo e nisso todo mundo: eita, nem vai ver Getúlio, eu disse: vou. Eu lembro que fiquei na janela pra ver Getúlio e mamãe disse: não sai daí. Acontece que eu estava em companhia do meu pai protetor político (risos), e eu toda enrolada quando Getúlio foi chegando, o carro bem perto, muito mais chique que o do brigadeiro, papai disse: vá olhar que eu me responsabilizo. Eu coberta de sarampo, de camisola, os cabelos por acolá porque o sarampo dava no couro cabeludo e eu pulando no meio do povo. Todo mundo ia me vendo aí ia correndo com medo por causa do sarampo. Eu fiquei na pontinha da calçada ainda, Oh! Huaá ! (faz cena com a mão demonstrando que soltou um beijo). Soltei um beijo pra Getúlio, foi a única vez que eu vi Getúlio. Beijo esse que me custou caro, porque quando eu voltei que subi os batentes da calçada, desmaiei. Naquele momento, mostrar a mamãe que eu tinha visto Getúlio, e quando ela viu disse: o que é isso? Eu disse: papai mandou. Aquele beijo deve ter chegado na cabeça de Getúlio. Foi uma das grandes emoções da minha vida, ter visto Getúlio. Agora foi uma coisa tão ruim, depois da morte de Getúlio! Era uma política estranha, era tudo diferente. Café Filho, é... (gaguejo) O Rio Grande do Norte devia até ter se orgulhado porque pela primeira vez um norte rio grandense chegou à presidência, mas ele tinha um defeito muito triste: ele era extremamente ligado a Carlos Lacerda. Então ele não fazia muita coisa. E no Rio, naquela época, havia uma piada, que as piadas da época diziam o que era a vida nacional. E aí tinha uma piada que você chegava num café no Rio e dizia: ‘Tem café? Aí respondiam, não, mas tem banana, que é a mesma coisa. Era café, cafezinho, mas aí na maldade as pessoas associavam a Café Filho.

**Lidianny:** A cidade era pacata, entre 1950 1954?

**Zélia:** Era. Já tinha acontecido o ressurgimento de Natal com a Segunda Guerra Mundial. Então Natal era pacata demais, mas já era uma cidade com um certo movimento, o pessoal ia aos domingos ao cinema, prá sessão do Rio Grande, que na época era um cinema chic, posteriormente modesto, as praias também eram muito movimentadas. Havia aquele costume, que ainda hoje há, de durante o final de ano as famílias saíam em veraneio. Mas era uma cidade que tinha festa, tinha o Aeroclub, que era muito movimentado. Eu não freqüentava, mas eu tinha irmãs mais velhas que iam com meu irmão, mas era uma cidade pacata, ora se eu uma menina tomei um bonde e fui pra praça Gentil Ferreira, e não me acontecia nada. Outra coisa eu não posso deixar de contar é que muitos anos depois a neta de Getúlio vem aqui a Natal. Celina Vargas do Amaral Peixoto, foi casada com Moreira Franco, aquele político do cabelo bem branquinho, que Brizola - outra paixão minha - começou a chamar ele de gatinho angorá. A neta de Getúlio era casada com ele. Ela é museóloga e veio aqui dar uma palestra. Eu tive a sorte de, o seguinte: a primeira dama nessa época, Magnólia, mulher de Geraldo Melo, ela tinha sido minha colega de ginásial. Então sabia da minha paixão por Getúlio - que é conhecida aqui em Natal todinha - e então ela me convidou pra um chá que ela ia oferecer na casa dela, pra eu ir conhecer, ela queria também uma pessoa que conversasse sobre Getúlio, e eu tive a felicidade, a honra, de conversar com a neta de Getúlio. Eu olhava pra mulher e dizia: 'Eu não acredito que nas veias dessa mulher corre o sangue de Getúlio'. Eu perguntei muita coisa a ela, e ela disse: mas pelo o que eu vejo você é mais informada da família Vargas do que eu. E isso foi o maior elogio que eu recebi. Quando terminou o chá, eu fui falar com ela, aí eu disse: 'olhe continue as suas pesquisas sobre seu avô e sobre essas coisas que emocionam a gente. Outra coisa que eu gosto são as piadas sobre Getúlio. Tinha uma que dizia o seguinte: Getúlio um dia ele brincando dentro de casa ele quebrou o quadro de Júlio de Castilho, que era líder político do pai dele. Getúlio tinha cinco irmãos, era cada um com uns nomes horríveis: Espartacus, Viriato, Protásio, Getúlio e Benjamim. Eram os cinco filhos de Manoel Vargas e Cândida Vargas. Aí Getúlio um dia quebra o quadro, e sabendo as conseqüências, ele desaparece. Quando se dá por falta de Getúlio, aí todo mundo começou a procurar pela fazenda e todo mundo já louco que ninguém encontrava Getúlio, um dizia uma coisa, outro dizia outra, nisso coração de mãe não se engana,

dona Cândida chega na porta e grita meu filho, onde você tiver apareça – isso de madrugada – que sua mãe lhe garante que não vai acontecer nada . Getúlio desceu de uma árvore. Tava assistindo tudinho e ficou na árvore em frente da casa dele. Aí ele diz: Nesse dia, aprendi a minha primeira lição de político. Só descer do galho quando tiver a situação garantida. (risos). Ele era uma pessoa de nunca dizer não nem nunca dizer sim. Dizem que ele estava em uma audiência pública ao lado de Dona Darcy, esposa dele. Aí chegava um coronel do interior e fazia queixa de outro. Ele dizia: pode ficar tranqüilo que eu vou falar com ele. O senhor tem razão. Pouco mais chegava o outro reclamando ele dizia a mesma coisa. Chegava outro ele prometia de novo. Aí diz que lá na frente dona Darcy não agüentou mais, e disse: Getúlio como é que você pode fazer isso? A um diz uma coisa, depois vê o outro diz a mesma coisa, eles vão se juntar e vão descobrir. Ele disse: Darcy num é que você também tem razão! Outra coisa que é interessante é que já no Estado Novo – antes dele decretar o Estado Novo – deveria em seguida ter eleições. Aí ele fica naquela pra lá, pra cá, sem querer apresentar candidato. Sempre sonhando que ele poderia continuar, né? Aí tinha Armando Sales e Oswaldo Aranha. Aí tinha uns humoristas nessa época que era Jararaca, Ratinho e Ranchinho. Eram famosos em fazer sátiras políticas. Então eles cantavam assim:

A menina, a presidência  
 Vai lavar seu coração  
 E já tem dois candidatos,  
 Todos os três chapéu na mão  
 O homem quem, será?  
 Será o manduca (que é o apelido de Armando)  
 Ou será o Vavá. (Oswaldo).  
 Entre os dois seu coração balança porque,  
 Na hora H quem vai ficar é seu GG.

Todo mundo tinha certeza que aquela eleição era tudo faz de contas e que ele ia permanecer na presidência. Olhe, eu vou lhe contar uma coisa. Eu brigo muito com televisão. Tem certas coisas que são minhas: Getúlio, Jango e Brizola são minhas propriedades. Então ninguém pode falar porque eu me meto, esteja onde estiver. Brizola eu tive a sorte de ver. Tinha duas pessoas que eu não deixava de ver quando vinha a Natal: Roberto Carlos e Brizola. No tempo de Fernando Henrique eu tava assistindo televisão, aí Fernando Henrique disse: ‘O Getulismo é uma coisa que

morreu'. Eu dei um pulo tão grande da rede, sabe, e parti para a televisão que eu não sei como eu não quebrei. Minha vontade era quebrar a cara de Fernando Henrique. Eu disse: 'enquanto eu estiver viva, o Getulismo não morre, e eu vou viver muito e o Getulismo vai viver comigo. Outra coisa. Quando Jango morreu, eu tava no Campus dando aula à tarde aí chegaram perto de mim e disseram: 'Jango morreu.' Pois num é que eu passei mal. Isso estava no auge da repressão, da ditadura. Eu achei de passar mal. O chefe do centro era muito amigo da gente quis fazer uma brincadeira comigo. Quando eu fui chegando no outro dia aí disseram Zélia o professor João Batista quer falar com você. Eu chamava ele Joãozinho, muito meu amigo. Aí ele disse bom dia professora Maria Zélia (expressão de espanto). Aí quando ele foi dizer eu soube que a senhora andou reagindo aí caiu na risada. Eu disse: se entregou. Tinham combinado de me fazer um medo de que eu ia ser chamada por João avisando que no dia seguinte eu ia ser entrevistada para explicar o motivo de eu ter desmaiado ao saber da morte de Jango."

( Lidianny ): " Bem, eu quero agradecer pela forma como me recebeu, pelo carinho, pela paciência. Foi muito bom ter conversado com a senhora. Obrigada por me apresentar a Vargas de forma tão perfeita. Aprendi a admirá-la a partir de hoje, e da minha parte espero que a partir da nossa conversa possa nascer verdadeiramente uma amizade."

**Zélia:** O prazer foi meu. Falar de Getúlio é sempre uma honra para mim. Aqui acolá eu admito que ele foi ditador, mas foi ditador porque naquela época estava na moda regime totalitário. Foi o pai dos pobres, além de ditador. Ele tem o estigma dos grandes personagens: ou você é getulista ou você é anti – getulista. Isso pra mim é o que marca os grandes personagens. Os anti – getulistas se apegam a um Getúlio só. Acontece que Getúlio foi muitos : foi o Getúlio revolucionário, foi o ditador foi o pai dos pobres, o populista, mas também foi um Getúlio que sofreu e soube sofrer com a oposição. Eu digo muito que quando Getúlio escreveu na sua carta ' deixo a vida para entrar na História', ele escreveu isso com um pouco de atraso, porque ele já estava na História pra mim desde o dia 19 de abril de 1883 quando ele nasceu. Claro tem seus defeitos (risos) deve ter, mas o importante é você não olhar o Getúlio ditador, e sim olha-lo como um todo.

**ENTREVISTA 2:**

**Identificação do entrevistado:** Raimundo Marques de Araújo. Na época do suicídio de Getúlio era militar, residente em Natal. Declara-se como Getulista. Relembra a aflição vivida no período pelos militares em Natal.

**Data e local da entrevista:** 09 de junho de 2008, na casa da depoente. Acasa fica na rua São José, em Lagoa Nova / Natal.

**Entrevista:**

**Lidianny:** Muito obrigada pela atenção em me receber em sua casa para dividir comigo suas memórias. Eu estou fazendo uma pesquisa seu Raimundo sobre a reação da sociedade natalense mediante o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Então eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a sua visão como militar, porque naquele período havia os getulistas e os anti-getulistas. Então qual a repercussão do suicídio para classe militar?" (Araújo): " O que os militares viram no atentado da rua Toneleiros, sendo Roberto Alves era o secretário particular de Getúlio, Arquimedes Manhoz, Gregório Fortunato – chefe da guarda pessoal de Getúlio - , Pompeu de Souza, Raul Blumini, todos esses camaradas estavam envolvidos nesse atentado, todos eles eram ligados a Getúlio. Foi aí que começou o desmantelo da nação, né? Getúlio vinha conduzindo tudo muito bem quando eles foram matar Carlos Lacerda e mataram o Major Vaz, né? Que não tinha nada a ver com o peixe. Estava fazendo a segurança de Carlos Lacerda, foram fazer um pronunciamento contra Getúlio e quando desceram lá da rádio eles atiraram e mataram o homem errado. Em vários lugares o povo ficou revoltado por conta do suicídio de Getúlio e as forças armadas entraram de prontidão. Passamos três dias de prontidão pensando que ia haver um levante muito grande e um derrame de sangue por conta disso.

**Lidianny:** Isso foi aqui em Natal?

**Araújo:** Aqui em Natal. O povo queria muito bem a Getúlio Vargas, né?. É tanto que ele podia ser ditador, mas nas urnas ele era campeão, né? Mas os anti-getulistas tinham muita raiva disso, principalmente os outros partidos, porque o partido que liderava era



PTB. Quando Getúlio Vargas subia na tribuna e dizia ‘trabalhadores do Brasil’, né? Aí todo mundo acompanhava ele.”

**Lidianny:** Essa rebelião chegou a acontecer aqui em Natal?

**Araújo:** Não, se prepararam para fazer, mas como os grandes quartéis já estavam todos de prontidão e eles sabiam disso, não fizeram a rebelião em Natal.

**Lidianny:** Mas no caso quem ia fazer eram os militares? a quem o senhor se refere quando diz ele’?

**Araújo:** Não, os militares não, a população, os civis, que esses eram os que pensavam em fazer um levante contra, porque quem obrigou a Getúlio a deixar o poder foi ( sic ) os ministros militares, mas os militares ficaram aquartelados aguardando. Isso por ordem da sétima região que era a quem o exercito obedecia. Hoje eu não sei mas de primeiro obedecia o comando da sétima região militar, que era quem mandava nessa região aqui, que os militares pertencem a sétima região. Eu não me lembro quem era que comandava nessa época, se era o general Bino Machado. Não houve o levante que a gente pensava que os civis iam fazer junto com a classe trabalhadora, mas graças a Deus correu tudo bem. Os partidos políticos que apoiavam Getúlio eram... ( não lembrou ), mesmo os que foram Getulistas e tavam no PSB na época que era um partido de força também. Mas o PTB sempre comandou tudo.

**Lidianny:** E o PTB fazia oposição a UDN, que por sua vez era o partido do Carlos Lacerda.

**Araújo:** De fato. É a mesma coisa de hoje.

**Lidianny:** O senhor como contemporâneo daquele período, como militar, o senhor era Getulista ou anti-Getulista.

**Araújo:** Eu sempre fui a favor de Vargas. Ele foi um camarada, um ditador, mas muito serio com o povo. Ele queria tudo de bom para o trabalhador. Foi ele que criou muita coisa, leis que hoje beneficiam os trabalhadores. Já em 30 houve muita rebelião em São

Paulo para Getúlio assumir. Ele pode ter feito muita coisa errada, mas também fez pelo povo. Naquela época a gente como militar não podia falar não era permitido conversar muito sobre política. Hoje pode, mas antes não podia nem assistir um comício.

**Lidianny:** O senhor lembra quem era o prefeito naquele período, em 1954?

**Araújo:** Não, não lembro.

**Lidianny:** O que o senhor estava fazendo quando recebeu a notícia do suicídio?

**Araújo:** Tava trabalhando, isso aí eu me lembro. Estava no Aero Geral ali, que era da Aeronáutica, onde baixava os anfíbios. Eu estava de serviço e fui encarregado de pegar uma turma de recruta pra dar instrução no Aero Geral quando o soldado chegou correndo, eu não lembro mais a hora, ele chegou dizendo que por ordem do oficial de serviço era para recolher a tropa ao quartel, que eu era o cabo encarregado das instruções. E eu recolhi. Foi quando nós ficamos impedidos de andar na rua – militar não podia andar na rua a não ser as patrulhas reforçadas por ordem do exercito. Era todo mundo esperando a qualquer momento estourar um levante e principalmente os comunistas daquela época que eram muito atuantes. Ninguém sabia quem eram eles né? Por isso o exercito preveniu pra que se houvesse um levante já era pra tá todo mundo com o dedo no gatilho.( risos ). A gente dormiu armado e tudo de bota, porque podia a qualquer hora haver um imprevisto. Mas graças a Deus que não houve, né? Foi quando Café Filho era o vice que ia assumir a presidência, que ainda tirou um ano como presidente e não fez nada por Natal. Não deixou nada que hoje o povo diga : aqui foi nosso conterrâneo que fez.

**Lidianny:** Quando aconteceu o atentado que matou o Major Vaz, qual a visão que o senhor teve desse atentado?

**Araújo:** Olhe, Getulio não mandou fazer isso não. É que aquele Gregório que era o chefe da guarda pessoal era quem tava mandando em muita coisa sem Getúlio saber comprava até revolver de ouro, mandava fabricar revolver de ouro para a nação pagar. Quando teve o atentado foi o ministro da Aeronáutica, o ministro do Exército e o ministro da Marinha ao Palácio do Catete dizer que ele deixasse o poder. E ele não

queria deixar porque ele era doente pelo poder. Eu era militar, não podia falar sobre política. Eu ia buscar as correspondências mas não sabia direito o que estava acontecendo. Mas creio que ele sofreu muita pressão por causa dos mal feitos dos secretários dele. Naquele período um presidente tinha que obedecer muito aos militares senão era deposto. Getúlio sempre foi um líder político, desde São Borja era um cara experiente.

**Lidianny:** Qual a visão que o senhor tinha sobre os comunistas?

**Araújo:** Eu sempre considerei os comunistas um partido muito atrasado. Eles queriam tomar o poder porque achava que o país ia se levantar. Não tinha como. Se Getúlio que era mais experiente não conseguia melhorar mais do que melhorou, e eles eram contra Getúlio que criava o direito dos operários, né? Se eles tivessem tomado o poder naquela época não tinham feito nem a metade do que Getúlio fez. Os militares não aceitavam o Partido Comunista.”

**Lidianny:** Como era a cidade naquele período?

**Araújo:** Muito atrasada, não desenvolveu nada. Só uma pista que fizeram pro aeroporto pra receber os americanos. Mas... apesar de correr mais dinheiro, a cidade ainda era atrasada. No campo militar melhorou, os armamentos... assim. Mas a cidade não progrediu mas também não regrediu. Bom isso é minha visão.

**Lidianny:** Não houve a revolução, mas comoção, choro, houve aqui em Natal?

**Araújo:** Houve sim. Muita gente chorou demais por conta da morte de Getúlio, botou luto nas portas. Foi decretado luto oficial. Ele era querido aqui também. Os militares apoiavam o brigadeiro Eduardo Gomes mas eu e João – aquele que a gente conversou naquele dia ali no shopping – nós éramos Getulistas. Não tinha o que dizer contra ele não. Já o brigadeiro era tão ruim que mesmo sendo apoiado pelos militares nunca ganhou.”

**Lidianny:** O senhor lembra como os jornais noticiaram o suicídio?

**Araújo:** O radio foi quem noticiou. Todo mundo ouvia radio, passava o dia com o radio ligado. Era pelo radio que a gente ficava sabendo. A BBC de Londres, se eu não me engano, era quem transmitia pra todo mundo. Era o Reporte Esso. O rádio de Londres.

**Lidianny:** Quanto tempo a agitação permaneceu na cidade?

**Araújo:** Foi um bom tempo. A noticia percorreu, aí vinha a leitura da carta de despedida. Menina, olhe, teve gente que adoeceu ( risos ). Quem diria que hoje, 54 anos que aquilo passou a gente um dia ia conversar tomando café nessa tranqüilidade toda. Ainda hoje eu sinto pelo suicídio de Getúlio porque ninguém vai fazer mais por esse país do que ele fez. Ele criou muitas leis que hoje beneficiam a gente. Ele era muito inteligente. Depois dele só Juscelino Kubscheck, no meu ver, que trouxe as fabricas de automóveis pro Brasil.

**Lidianny:** Mais uma vez muito obrigada pela atenção e pela colaboração com essa conversa. Foi muito bom voltar a um passado tão conturbado, mas que bom que tudo acabou bem.